# Questões de Gramática Latina

## OBRAS DO AUTOR

NONNI — *Aventuras de um pequeno islandês,* por Ión Svénsson. Tradução do alemão. «Herder & C°», Friburgo (Alemanha), 1924.

A CIDADE À BEIRA-MAR, de Ión Svénsson. Tradução do alemão. Lisboa, 1930.

SEGREDOS DO ESPIRITISMO. «União Gráfica». Lisboa, 1931.

LISBOA DE QUINHENTOS — *Descrição de Lisboa.* Texto latino de Damião de Góis. «Avelar Machado». Lisboa, 1937.

RAÚL MACHADO
Professor de Filologia Clássica

# Questões de Gramática Latina

TÔMO PRIMEIRO

## Pronúncia do Latim e Elementos de Fonética Histórica Latina



LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)
Praça dos Restauradores, 17
LISBOA — 1940

IMPRENSA PORTUGUESA
108, Rua Formosa, 116 — Pôrto

*Aos Mestres insignes*
*e*
*Ilustres Professores de Filologia Clássica,*

Doutor J. SIMÕES NEVES
e
Doutor F. REBÊLO GONÇALVES,

*O. D. C.*
*êste modesto trabalho,*
*como preito de gratidão,*

O AUTOR.

# PREFÁCIO

Ao apresentar êste livro ao público, o autor teve uma intenção, — que é o fim da obra; teve um plano, — que é a divisão da obra; teve uma perspectiva, — que é o título da obra.

Sem mais preâmbulos e sem mais rodeios, anotemos algumas observações singelas, a propósito de cada um dêstes pontos.

*

O fim da obra, que é, como ensina a boa filosofia antiga, o primeiro na intenção e o último na execução, reduz-se a poucas palavras: — propor, ante os olhos daqueles que têm obrigação de conhecer a língua latina, porque a ensinam nas escolas ou hão de ensiná-la, e apresentar, àqueles que a aprendem nos Seminários, com amplo desenvolvimento, mas sem saberem

relacionar, umas com as outras, as formas que se lhes afiguram desconexas, um meio fácil de trabalho no ensino e um processo científico de coordenação de conhecimentos adquiridos.

Não existe, — que nós saibamos, — em português, qualquer trabalho dêste género, com informação científica recente. As obras, que se encontram entre nós, devidas a esfôrço louvável e a estudo consciencioso dos seus autores, são antiquadas na informação e, geralmente, desprovidas das noções hodiernas sôbre fonética latina: não puderam, como é óbvio, antecipar-se ao seu tempo, nem reflectir as luzes que só muito mais tarde se acenderam.

Os estudos e teorias de Vendryès acêrca da intensidade inicial das palavras latinas, e os trabalhos de fonética histórica do suíço Niedermann, apoiados em larga escala sôbre os factos apontados pelo primeiro, — mal se conheciam e irradiavam, há uns trinta anos: eram luz sob o alqueire! As obras, compactas de erudição e de factos, do lingüista Meillet só começaram a exercer influxo salutar, desde há uns vinte anos para cá, — assim como os estudos de Morfologia e Fonética, profundos e decisivos, de Ernout.

Isto para só falar da ciência sintética e luminosa dos franceses; pois os autores alemãis, com as suas monografias dispersas e variadas e com a sua tendência analítica, difusa e nebulosa, a-pesar-de alguns serem sábios e lingüistas de renome universal, mal se faziam ouvir no meio da turba de estudiosos da nova ciência lingüística e apenas eram vislumbrados, a distância, nas alturas, como os sóis confusos da Via Láctea: não iluminavam nem aquèciam!

O modesto trabalho, de que vem agora a lume o primeiro tômo, seguindo na peügada, *non passibus œquis*, dos autores célebres do estrangeiro, pretende difundir um pouco de luz no nosso meio, como uma pobre centelha ao pé dos astros; — tanto mais que as obras estrangeiras foram sempre de difícil aquisição, e agora, são de dificílima.

*

O plano do autor divide a obra em três volumezinhos minúsculos.

No primeiro tômo, que neste momento vem a público, encerram-se os ensinamentos principais relativos aos *sons* da linguagem latina.

Por êsse motivo, se faz intervir na *primeira parte* do presente volume, a *pronúncia do latim*, como ela era entre os latinos, — tão desvirtuada e tão desfigurada entre nós! — procurando firmá-la em razões sólidas e convincentes com argumentos vários que, na maior parte, não encontramos em livros: — são um contributo da nossa magra colheita.

A *segunda parte* dêste primeiro tômo trata da evolução e da combinação dos fonemas dentro do latim, à qual, por essa razão, pusemos o nome de *fonética histórica latina.*

Esta parte, que não desce a excessivas minúcias, pois são apenas *Elementos*, não é, nem podia ser, dados os trabalhos já publicados, obra original. Embora contenha, aqui e além, notas ou observações próprias, é, sobretudo, obra de vulgarização científica: expõe doutrina e factos, cujo conhecimento e cujo domínio se torna necessário, quási indispensável, para ensinar com proficiência, com amplidão e método, a língua do Lácio.

Quantas correcções não terão que fazer nos conhecimentos, e quantos deslizes não terão que emendar na exposição, aquêles a quem incumbe

ensinar a língua latina, se percorrerem com atenção as páginas dêste livrinho! Quantas ideas claras não brotarão daqui, para alumiar as trevas em que muitas vezes vai singrando, aos zigue-zagues, para evitar escolhos difíceis, o baixel em que navegam tantos, tantos!...

Porque é que *misi* tem um *s*, e *missum* tem dois? Porque é que *nares* tem um *r*, e *nasus*, que é da mesma família, tem um *s*? Porque é que *factus* deu, em compostos, por exemplo, *re-fectus*, e *actus* deu, por exemplo *red-actus*, e não deu *red-ectus?* Porque é que *mons* e *mens*, por exemplo, têm o genitivo do plural *mont-ium*, *ment-ium*, e não *mont-um*, *ment-um?* Porque é que o verbo *uolo* tem o infinitivo *uelle?*

Muitas outras preguntas se poderiam fazer, equivalentes a outros tantos escolhos em que, por vezes, naufragam timoneiros experimentados.

Pois bem; êste volumezinho deseja ir em auxílio a tantas dúvidas e a não poucas perplexidades.

O segundo tômo será dedicado à flexão: flexão dos nomes e dos pronomes, e flexão dos verbos, com as questões fonéticas e morfológicas que lhes andam anexas.

O terceiro tômo deve abarcar as questões de sintaxe.

Aí fica o plano do autor e a divisão da obra.

*

O título geral — *Questões de Gramática Latina*, indica, por si mesmo, a perspectiva do autor. Não se tem em vista exhaurir e esgotar todos os assuntos relativos à Gramática Latina. Pois, além de faltarem dotes e qualidades para tão vasto empreendimento, uma obra dêsse jaez não seria exequível no nosso meio, ao menos por agora, em que a nossa cultura latina actual, ainda se encontra tão distante de uma craveira mediana, por causa dos muitos preconceitos que houve, e ainda há, contra a língua latina. Preconceitos de natureza cultural: — o latim não serve para nada! — diziam; preconceitos de carácter liberal: — o latim é para os padres e para dentro das igrejas! — afirmavam; preconceitos de ordem científica: — o latim estorva o estudo das matemáticas e das ciências! — repetiam; preconceitos de origem técnica: — o latim é muito

difícil! — apregoavam, sobretudo, os negligentes e os preguiçosos.

E não se lembravam, nem se lembram, estes detractores da língua latina que, sem tantas matemáticas e sem tantas ciências exactas como agora, mas com mais latim, se escreveram os *Lusíadas*, se formaram Gil Vicente e Sá de Miranda e Vieira e Bernardes, se edificaram catedrais, se conheceram e se publicaram roteiros náuticos, se sulcaram mares e se descobriram mundos!

É que os detractores do latim desconhecem o valor formativo da língua e da literatura latina: — a fôrça que afina e aguça a inteligência, que modela e caldeia a vontade, que domina e subjuga a fantasia, que ennobrece e dignifica os sentimentos, que aquilata, emfim, as faculdades, coordenando-as tôdas para um conjunto harmónico e humano! Desconhecem também êsses detractores que a formação clássica é a melhor preparação para as escolas superiores, mesmo para as de matemáticas e engenharia, como se tem verificado e comprovado com estatísticas em França, — onde os alunos que trazem a formação de humanidades e retórica sobrepujam os

que vêm dos cursos de formação exclusivamente científica!

Não deseja o autor que estas afirmações pareçam ofensivas ou injuriosas, só sabe que são verdadeiras.

Por tudo isso, ao dar a êste trabalho o título geral de *Questões de Gramática Latina*, tem o autor a certeza de que, infelizmente, não pode abalançar-se à obra de grande fôlego, e pretende tão sòmente tratar das questões mais interessantes ou mais necessárias da gramática latina, para, com a sua cota parte, dentro do nosso meio, cooperar na obra de ressurgimento da cultura clássica.

De antemão, agradece a todos os que hajam por bem apontar-lhe erros ou imperfeições

O AUTOR.

# BIBLIOGRAFIA


Bornecque (Henri) — *Précis de Prosodie et Métrique grecque et latine.* Nouv. édit. Paris. Boccard. 1933.

Bréal (Michel) et Bailly (Anatole) — *Dictionnaire Étymologique du Latin.* Paris. Hachette. Sem data.

Bréal (Michel) — *Essai de Sémantique. Science des Significations.* Paris. Hachette. 7.ª ediç. 1924.

Brito (João de) e Xavier Rodrigues (F. A.) — *Gramatica Elementar da Lingua Latina. II.* Lisboa, 1907. *Fonologia,* págs. 1-16.

Brugmann (K.) — *Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-européennes.* Traduit par J. Bloch, A. Cuny et A. Ernout, sous la direction de A. Meillet et R. Gautiot. Paris. Klincksieck. 1905.

Ernout (A.) — *Morphologie Historique du Latin.* Paris. Klincksieck. Nouv. édit. 1927.

Ernout (A.) — *Recueil de Textes Latins Archaïques.* Paris. Klincksieck. 1916.

Ernout (A.) et Meillet (A.) — *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots.* Paris. Klincksieck. 1932. 2.ª ediç. 1938.

Gonçálvez Guimarãis (A. J.) — *Breviário da Pronúncia Normal do Latim Clássico.* Coimbra. Imprensa da Universidade. 1913.

Grumbach (J.) et Waltz (A.) — *Éléments de Prosodie latine.* Paris. Garnier, Frères. 8.ª ediç. Sem data.

Henry (Victor) — *Précis de Grammaire Comparée du Grec et du Latin,* Paris. Hachette. 2.ª ediç. 1889.

Juret (A.-C.) — *La Phonétique Latine.* Paris. 1929.

LAURAND (L.) —*Manuel des Études grecques et latines.* Fasc. VI; *Grammaire Historique Latine.* 5.ª edição. 1930. Fasc. III; *Grammaire Historique Grecque.* 5.ª ediç. 1934. Paris. Picard.

MACÉ (Alcide) — *La Prononciation du Latin.* Paris. Klincksieck. 1911.

MEILLET (A.) — *Linguistique Historique et Linguistique Générale.* Paris. Champion. 2.ª ediç. 1926.

MEILLET (A.) — *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine.* Paris. Hachette. 3.ª ediç. 1933.

MEILLET (A.) et VENDRYÈS (J.) — *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques.* Paris. Champion. Deuxième tirage revu. 1927.

NIEDERMANN (M.) — *Précis de Phonétique Historique du Latin.* Paris. Klincksieck. Nouv. édit. 1931. (A 1.ª ediç. era de 1906).

OLIVEIRA GUIMARÃIS (J. J.) — *Manual de Filologia Latina.* Coimbra. 1925.

RIEMANN (Otho) et GOELZER (Henri) — *Grammaire Comparée du Grec et du Latin. Phonétique et Étude des Formes Grecques et Latines.* Paris. Colin. 1901.

SÉCHERESSE (Aristide) — *Traité élémentaire de Prononciation Latine.* Paris. Colin. 1903.

SIMÕIS NEVES (Dr. J.) — *Fonética. I. Guturais e Sibilantes em Grego e em Latim.* « Coimbra Editora, L.da ». 1928.

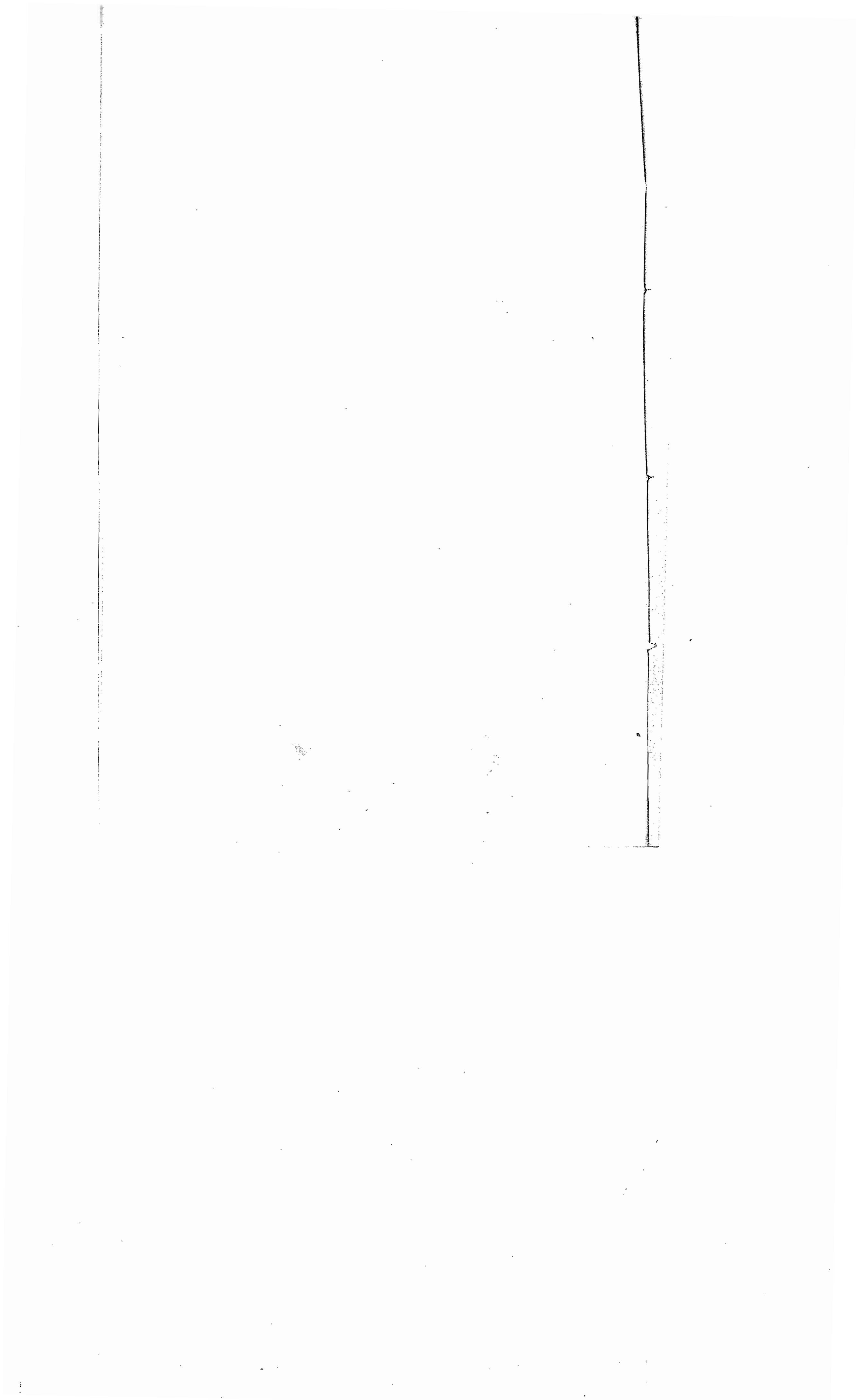
STOLZ-SCHMALTZ — *Lateinische Grammatik.* 5.ª ediç. par LEUMANN (M.) e HOFMANN (J. B.). Munich. Beck, 1926-1928.

VENDRYÈS (J.) — *Recherches sur l'Histoire et les Effets de l'Intensité Initiale en Latin.* Paris. Klincksieck. 1902.

# PRIMEIRA PARTE

## Pronúncia do Latim

2



# I

## Três pronúncias errôneas

A pronúncia do latim anda entre nós bastante deturpada, dividida em três correntes: a pronúncia vulgar que é a que geralmente se ensina nas escolas; a pronúncia eclesiástica, tôda imbuída da maneira italiana; e a pronúncia ecléctica, que recebe influxo, como de dois afluentes, em primeira mão, da pronúncia vulgar, e, depois, da corrente culta do latim.

Uns exemplos servem para esclarecer êsses sistemas de pronúncia. Tomemos as palavras, *genus* e *caelum*, *agnoscunt* e *angelus*.

Palavra *genus:*

| | | |
|---|---|---|
| Pronúncia | vulgar: | *jenuch;* |
| » | eclesiástica: | *djenuss;* |
| » | ecléctica: | *jenuss.* |

Palavra *caelum:*

Pronúncia vulgar: *sélũ.*
» eclesiástica: *tchélum(e);*
» ecléctica: *sélum(e).*

Palavra *agnoscunt:*

Pronúncia vulgar: *agnochcũd;*
» eclesiástica: *anhosscunt;*
» ecléctica: *agnosscũt;*

Palavra *angelus:*

Pronúncia vulgar: *ãgeluch;*
» eclesiástica: *an(e)djelus;*
» ecléctica: *ãgeluss.*

Como três moedas falsas, nenhuma destas pronúncias soa ao verdadeiro tilintar do latim.

A língua latina tinha sons definidos, pronúncia exacta, que não andava, como é natural, ao sabor das bocas italianas ou francesas. Tinha a sua pronúncia própria, como a língua portuguesa tem a sua, que não é positivamente a pronúncia dos estrangeiros que supõem falar português.

Pois bem; essas pronúncias várias do latim, se é lícita a semelhança, são pronúncias de estrangeiros. Que mal que havia de soar ao ouvido latino a palavra *fecerunt,* se nos ouvissem dizer

*fèssérūd* ou *fètchérunt!* Soava mal e, além disso, era irreconhecível a palavra nessa autêntica algarabia de bárbaros! Os latinos pronunciavam *fêkêrunt*.

Vamos, pois, lançar mãos à obra de restaurar a verdadeira pronúncia do latim, e teremos a *pronúncia restaurada* do latim, ou, simplesmente a pronúncia da língua latina, pois, na verdade, não vamos reconstruir um edifício, erguendo novos muros, rasgando novas janelas, pintando-o de novo; vamos, apenas, pôr à vista, limpando matagais, podando florestas, inundando-a de ar e de luz, a casa latina.

Sôbre o assunto escreveu, especialmente, o Prof. Dr. Oliveira Guimarãis (cfr. *op. cit.* na *Bibliografia*, cap. II, pág. 5 e segs.).

## II

## Vogais e ditongos

*1.º — Vogal «e».*

A vogal *e* tinha, quando breve, o som de *é*, com em *peço;* quando longa, tinha o valor de *ê*, com em *pêco*,—equivalentes, respectivamente, às letras gregas, ε (épsilon) e η (êta).

Observa-se o caso, fàcilmente, com os nomes próprios latinos transliterados para grego, como *Valĕrius* e *Saluēnius*, o primeiro com *e* breve, o segundo com *ē* longo. Os gregos escreveram o primeiro com épsilon, o outro com êta. Assim: *Oualérios*, *Salouênios;* Οὐαλέριος, Σαλουήνιος.

Estes exemplos são frisantes, bem como muitos outros que se podem apontar; o *ĕ* breve lia-se *é;* o *ē* longo, *ê*.

Portanto, as palavras, *lĕgo*, *lēgi* (perf.), devem pronunciar-se *légo*, *lêgi*. *Venio*, *uenerunt*, são *uenio*, *uênêrunt; monere*, *pedem*, *leges*, *rerum*, etc., são *monêre*, *pédem*, *lêgês*, *rêrum*, etc.

A dificuldade está em se conhecer a quantidade longa ou breve da vogal; mas empreguemos aqui a regra da prosódia latina: *usus te plura docebit;* quere dizer, a experiência é mestra da vida!... A experiência e o dicionário!

*2.º — Vogal «o».*

Tinha dois valores: aberto, quando breve; fechado, quando longo, como em *posso* e *pôço*, exactamente como o ο (ómicron) e ω (ómega) gregos.

Assim, os nomes próprios latinos, *Ŏctauius* e *Clōdius*, com *ŏ* breve e *ō* longo, foram transliterados para grego com as formas *Oktabios* e *Oktaouios* 'Οκτάουιος e Klôdios Κλώδιος. Da mesma

maneira, *Nero, Horatius, Opimius, Ocresia*, que deram *Nérôn, Hôrátios, Òpimios, Òkrêsía:* Νέρων, Ὡράτιος, Ὀπίμιος, Ὀκρησία; donde se colhe que o ŏ (breve) foi transliterado com ómicron, e o ō (longo) com ómega. Portanto, ŏ (breve) devia pronunciar-se como em *rogo;* e ō (longo) como em *rôgo.*

Aplique-se esta norma: *moneo, domino, cogo, bonus, bono*, etc., que devem ler-se móneô, dóminô, côgô, bónus, bónô, etc.

Como atrás, diremos também aqui, com a prosódia: *usus te plura docebit.*

*3.º — Vogais «a», «i», «u».*

Não havia diferença na pronúncia destas vogais, proveniente da quantidade, a não ser, talvez, maior abertura do *a* longo, para o distinguir do *a* breve, mais fechado, como nas palavras portuguesas *pára* do verbo *parar* e *para* (preposição). É, pelo menos, esta a diferença que se nota no sânscrito, quanto à pronúncia do *a*, devida à quantidade. Assim, a forma *bharāmi*, lê-se, no sânscrito, *barámi*, com o valor das vogais da palavra portuguesa *papá.*

Contudo, a-propósito das vogais *a, i, u* escreveu o insigne Mestre e Prof. Oliveira Guimarãis: «Entre o ă breve e o ā longo quási se não notava diferença... Entre o ĭ breve e o ī longo a dis-

tinção era mais sensível. O *ĭ* breve pronunciava-se quási com o valor do nosso *i*, tendendo um pouco para *u*, proferindo-se por isso com o som aproximado do *ü* alemão ou do *u* francês. O *ī* longo tinha um som mais fechado e também mais cheio, correspondente ao *i* do francês *fini*... O *u* tinha o som do *u* português, distinguindo-se o longo do breve, quási apenas pela duração do som.» (Págs. 7, 8).

*4.º — Ditongo «æ».*

Dá-se vulgarmente a êste ditongo, assim como ao ditongo «œ», o valor de *é*, como em *fé: caedo* (cédo), *poena* (péna). Esta pronúncia, porém, não corresponde à verdadeira pronúncia da língua latina.

Os alemãis na pronúncia usual do seu latim, — porque também êles lêem as palavras latinas, encobrindo-as com a pronúncia saxónica, — vislumbraram e introduziram uma pronúncia para seu uso, com relação aos dois ditongos: o ditongo *æ* proferem-no *é;* o ditongo *œ* pronunciam-no como o francês *eu*, em *peu*. A pronúncia alemã também não se acomoda à pronúncia verdadeira dos latinos, mas, ao menos, é uma diferença que evita a confusão.

Na boa linguagem latina, o ditongo *æ* pronunciava-se com o som de *ai*, com o *a* um pouco

fechado, quási *ei*, como na nossa palavra *lei*. Tudo isto se deduz da evolução do ditongo primitivo, da transliteração para grego e da escrita nas inscrições.

Com efeito, o ditongo *æ* provém de *ai* primitivo. Nas inscrições antigas e nos textos arcaicos, encontram-se formas abundantes, tôdas com *ai*, onde, mais tarde, se emprega *æ*. Assim, no epitáfio de L. Cornélio Scipião, consul em 298, censor em 290 e edil, bem como no de seu filho, cônsul em 259, censor em 260, e também edil, lêem-se as formas *aidilis*, *aidiles*, mais tarde escritas *ædilis*, *ædiles*. No comêço do 2.° século, antes de Cristo, vê-se, na inscrição de Nemi, a palavra *praitor*, depois *praetor*.

Lá por 180, antes da nossa era, começa a haver hesitação entre a escrita *ai* e *ae*, mas abundam ainda as formas com *ai*. O senatus-consulto de 186 a. C., correspondente ao ano 568 da fundação de Roma, o qual se pode considerar escrito na ortografia oficial, ainda emprega *aiquom* (aequum), *tabelai* (tabelæ), *datai*, (datæ). Mas no epitáfio de Claudia, entre 133 e 122 a. C. já se vêem, lado a lado, *ai* e *æ*, na mesma expressão: *pulcrai feminæ*.

Do ano 130 para baixo, caem no olvido, como velharias inúteis, as formas em *ai*, para vigorarem em tôda a pujança as formas novas. Só, de

raro em raro, alguns escritores com tendências arcaïzantes, — por exemplo, Lucrécio no seu *De Rerum Natura* (Lucrécio n. em Roma em 98, e m. em 55 antes de Cristo), — ou com intuitos literários, como o autor da *Eneida* (Vergílio vestiu a toga viril no ano em que Lucrécio morreu) — fazem ressurgir, aqui e ali, como taumaturgos extemporâneos, as formas em decomposição.

Na passagem dos nomes latinos para grego, vemos igualmente que o ditogo *æ* latino aparece em grego sob a forma *ai*, porque com êste som se pronunciava aquela escrita. Assim, os nomes *Caesar*, *Caecilius*, *Aelius*, deram em grego *Kaisar*, *Kaikilios*, *Ailios* Καῖσαρ, Καικίλιος, Αἴλιος. Vemos também, ao invés, que nomes gregos escritos com *ai* passaram para latim com *ae:* αἰθήρ *aether* (lat.); *Phaidros* Φαῖδρος, *Phaedrus* (lat.).

Dá-se até o caso de nomes alienígenas, importados para as duas línguas, serem transliterados da mesma maneira. Sirva de modêlo a palavra, de origem semítica, *Judea*, que designava o território da tríbu de *Judá;* em grego, é *Ioudaia* Ἰουδαῖα e, em latim, *Iudaea.*

Daqui se conclue, indubitàvelmente que *ai* equivale a *æ*. Mas a pronúncia dêste ditongo, como se disse acima, deve ser idêntica à da palavra portuguesa *lei*, e não à da palavra *pai.*

Colhe-se esta observação através da pronúncia popular.

Com efeito, o ditongo *ae* tomou o som de *é*. Quere dizer que o ditongo se pronunciava *ei*, e não *ai;* porque só por meio daquela pronúncia é que se chega ao som *é* popular. Vimos há pouco tempo, numa vila de província escrito a gis, duas vezes, numa porta, o nome *Aleixo*, com esta grafia: *Alenxo*. É comum ouvir-se, entre o povo, em lugar de *deixo*, *dexo;* assim como, ao contrário, em vez de *fecho*, *feicho*. Sons instáveis, que flutuam num vai-vem, como a cortiça sôbre as ondas.

Fenómeno parecido a êste do português, deve ter-se dado, sem dúvida, dentro do latim, com o ditongo *ae*, cuja pronúncia era *ei*, de modo que o povo o transformou, a-miúdo, em *é*. Por isso, se encontram inscrições na Úmbria, gravadas em pedra pelos canteiros incultos de remotas idades, em que aparecem palavras como estas: *cedito* por *caedito* (pronúncia *ceidito*); *Diane* por *Dianae*, pronúncia *Dianei*, influenciadas certamente pelo úmbrio, língua itálica irmã da do Lácio. A-pesar destas escritas populares, vêem-se na mesma região, e pelo mesmo tempo, formas esculpidas com a escrita verdadeira: *aire* (aere), *quaistores* (quaestores).

E até, — fenómeno curioso! — que vem reforçar a opinião de que o ditongo *ai (ae)* devia

pronunciar-se *ei* (como em *lei*), aparecem textos epigráficos antigos, coetâneos dos anteriores, nos quais, devendo encontrar-se *ai*, só está gravado *a*, sem o segundo elemento do ditongo, o que parece demonstrar o valor fechado daquele som. Veja-se, por exemplo: *Matre Matuta dono dedro matrona*, isto é, *Matri Matutai* (dat.) *donum dederunt matronai* (n. pl.). Sôbre tudo isto, lê-se, no senatus-consulto acêrca das Bacanais, a forma *inceideritis*, como se existisse um verbo *inceido*, que é, afinal, *incaido (incaedo*, depois *incido)*.

Portanto, o ditongo *ae*, proveniente de *ai* primitivo, lia-se quási como *ei*.

Em conclusão, as formas *haec*, *quae*, *filiae*, *caedo*, *Aeneas*, *praetor*, etc., devem pronunciar-se, quási como *heic*, *qüei* *filiei*, *ceido*, *Eineas*, *preitor*, etc.

*5.º — Ditongo «oe».*

Como o ditongo *ae* que primeiro se escrevia *ai*, o ditongo *oe* tinha a escrita *oi*.

A pronúncia do ditongo *œ* (ant. *oi*), no bom latim, assemelhava-se ao som do ditongo português, na palavra *doi*.

Não há dúvida, quanto à escrita: *œ* escrevia-se antigamente *oi*. Não abundam, para o nosso intento, os exemplos, nas colheitas dos textos antigos e das inscrições, porque o ditongo

*œ* não germinava a esmo na seara latina. Contudo, umas poucas espigas, amadurecidas e gradas, sempre se apanham no restolho, após a ceifa.

Assim, colhemos, no senatus-consulto a respeito das Bacanais, a expressão *quei foideratei essent (qui foederati essent)*, onde a palavra *foideratei*, derivada de *foidus*, tem a grafia *oi*, que mais tarde aparece *œ*.

É certo que, na maior parte dos casos, o ditongo *oi* vem acabar na letra *u*, mas passa pela forma intermediária *œ*.

A evolução sónica do ditongo seria, talvez, a seguinte: *ói*>*ôi*>*öi*>*ö*>*ö* (muito fechado)>*u*; como em *dói*, *bôi*, *ceullir* (fr.), *peu* (fr.), *böse* (al.), *gusa*.

Vejamos. No epitáfio de Lúcio Cornélio Scipião, lêmos: «*Honc oino ploirume consentiont...*» a saber, *hunc uni plurimi consentiunt...*, por onde se vê que *oino* e *ploirume*, através de *oeno* e *ploerume*, chegaram a *uni*, *plurimi*; assim como *plois* deu *plus*, e *ploeres (ploires)* deu *plures*; e *loidos*, *ludus*; *commoinem*, *communem*. Aqui, sim, temos farta colheita; de modo que podemos dizer que, em geral, *oi* termina em *u*. Mas, quando se conserva o ditongo, passa a *oe*, com a pronúncia *oi*.

Compare-se com o grego. Havia o nome de mulher, em latim, *Homonoea*, que ao entrar no

grego tomou a forma *Homónoia* Ὁμόνοια donde se vê que *oe* equivale a *oi*. A palavra fenícia que designava os cartagineses foi importada para o latim e para o grego, com estas formas equipolentes: *Poeni*, Ποίνοι, *Poinoi* (ainda que na língua latina existisse também a forma evoluída *Punici*, com *u*), donde se conclue que o latino *oe* se pronunciava, como em grego, *oi*.

Tomemos agora um argumento, vindo do outro lado, isto é, transplantando palavras gregas para latim. Que é que se verifica? Que o ditongo *oi* do grego é expresso em latim por *oe*: *Phoibos*, Φοῖβος, *Phoebus*; *moichos*, μοῖχος, *moechus*. Esta última palavra, como o verbo denominativo *moechari*, aparecem, a cada passo, no texto grego e no latino dos evangelhos.

A própria palavra *poena*, que não deriva da *poinê* ποινή, grega, mas está aparentada com ela, patenteia, mais uma vez, a identidade dos ditongos *oe* e *oi*, embora na língua latina haja o verbo *punire*, transformado o ditongo *oe* em *u*.

Do que deixamos dito se infere, sem sombra de dúvida, que o ditongo *oe*, que, aqui e além, ainda se arrasta trôpego a denunciar a pujança antiga, tem o valor de *oi*, e não de *é*.

## III

## Consoantes

*1.º — Consoante* «*c*».

A consoante surda palatal, *c*, tinha sempre, como o nome indica, o valor palatal, idêntico ao da palavra portuguesa *capa*, fôsse qual fôsse a posição em que se encontrasse; portanto, mesmo antes de *i* ou de *e*, pronunciava-se *ki*, *ke*. Assim, *cibus*, *cera*, *Cicero*, liam-se *kibus*, *kera*, *Kíkero*. Não se pode desmoronar esta doutrina, construída sôbre sólidos alicerces.

Com o som da gutural surda, empregavam os latinos três letras que eram *c*, *q*, *k*.

Num texto epigráfico dos mais antigos, do século V a. C., escrito ainda em bustrofédo, (parece que anterior a êste só há outro texto mais antigo, do século VI) encontramos as palavras *sakros*, *kalatorem*, *kapiat* (capiat). Ao mesmo tempo vemos *recei* (regi)!

Na inscrição de Duenos, aparecem *uirco* e *feced*, mais tarde *uirgo* e *fecit*. Na inscrição de Preneste, muito mais moderna que a anterior, lêmos *cratia* e *primocenia*, que são *gratia* e *primigenia*. Quere dizer, a palatal surda tomou

também as funções da sonora, *g*, e até, nalgumas palavras, conservou oscilante êsse valor; pois a-par-de *uicésimus* (com a surda) encontra-se *uigésimus* (com a sonora). Esta confusão é natural, porque muitas vezes a surda e a sonora, na pronúncia, mal se diferençam. Oiçam-se, por exemplo, as palavras portuguesas, *sacro* e *sagro*, pronunciadas sem afectação; o ouvido quási as não distingue. O *c* representava, pois, o som da surda e da sonora.

Contudo, quando pretendemos estudar, com maiores cuidados e pormenores, os sons, não podemos deixar de os distinguir na pronúncia e na escrita. E foi o que sucedeu em latim. Por êste motivo, a letra *C*, — única para representar a palatal surda e a sonora, — recebeu, lá por 260 a. C., um apendículo, introduzido, talvez, por Spúrio Carvélio Ruga, ou, antes, por Ápio Cláudio Ceco, censor em 312, e transformou-se em *G*. Dêste modo, o *C* ficou com o encargo de representar a gutural palatal surda *(quê, kê)*, e o *G* (igual a *C* modificado) tomou a incumbência de de indicar a palatal sonora *(guê)*.

Depois de introduzida esta inovação, *sakros* passou a *sacros* (mais tarde *sacer)*; *kaput* passou a *caput*; *fhefhaked*, perfeito de redôbro de forma dialectal, do verbo *facio*, passou a *fecit*. A letra *k*, pouco a pouco, tornou-se supérflua e desapareceu; ficou nas Kalendas! Mas o som foi açam-

barcado, em todo o domínio da gutural palatal surda, pela letra *C*, sempre e em tôda a parte com o valor de *kê*. Assim, *sakros, sacros, sacer (saker); cado, caedo (keido); cécĭdi (kékĭdi)* e *cecīdi (kekídi); capio, incipio (inkipio); cedo, incedo (kedo, inkedo); Caesar (Keisar); Cicero (Kikero)*, etc.

Na passagem de nomes latinos para grego, temos também argumentos valiosos para confirmar esta mesma idea.

Todos sabemos que Cícero e os seus partidários eram muito conhecidos na Grécia, especialmente em Atenas. O nome do maior orador latino soou muitas vezes nas ruas de Atenas e na agorá. Pois bem; Cícero, entre os gregos, era *Kikérôn* Κικέρων; e os seus sequazes, *oi kikérônes* οἱ κικέρωνες. Os gregos escreveram o nome de *Cícero* e dos *cicerones*, exactamente como êles se pronunciavam em Roma: *Kíkero* e *kikerones*. Com efeito, se êles se dissessem, como vulgarmente se pronunciam entre nós, os gregos teriam usado, em lugar de *K*, a letra Σ (sigma). É notável a êste propósito o que aconteceu com a palavra latina *Sicilia*, muito conhecida nos meios gregos, onde aparecem os sons *si* e *ci*; se fôssem sons idênticos, como se pronunciam comummente entre nós, teriam a mesma transliteração para grego. Mas a palavra entrou na língua grega com a

escrita-*Sikelía* Σικελία correspondente ao latim *Sicilia (Sikilia)*.

Portanto, as sílabas *ci*, *ce*, *cae*, *coe*, liam-se em latim, *ki*, *ke*, *kei*, *koi*.

*Consoante x:*

A letra composta *x* conserva sempre o som das componentes: *cs: examen*, *fixus*, *praxis*, *Aiax*.

2.º — *Consoante «g»*.

Relacionada com a consoante anterior, sabemos, pelo que já se disse, em parte, que a consoante gutural palatal sonora, *g*, como o nome indica, era *guê*, e não *jê*.

*Genus* pronunciava-se *guénus*, e não *jenus; angelus* era *anguelus* e não *anjelus; gigno* era *guigno; cogito coguito*, etc.

Em *cratia* e *primocenia*, da inscrição de Preneste, a mesma letra *c* tinha o valor da gutural palatal sonora, *gratia* e *primogenia*, como *Caius* era *Gaius*, e *Cnaeus* era *Gnaeus (Gneius)*, ainda que se escrevessem com *C;* do mesmo modo, *recei* é igual a *regi (regui)*.

Por outras palavras, a letra *g* era uma oclusiva pósterò-palatal sonora, *guê*, e não uma constritiva ânterò-palatal sonora, *jê*.

Daí, *subĭgit (súbiguit)* do epitáfio de L. Cor-

nélio Scipião; *gloria atque ingenium (inguénium)*, do epitáfio do filho de Africano Maior; *uicesma (uicessimam*, leia-se *uikéssimam* ou *uiguéssimam)*, numa lâmina de bronze primitiva, encontrada em Roma; *leigibus*, próximo parente do osco *ligud*, como no latim *lege*.

Compare-se também a forma *magistere* (num fragmento de altar prenestino) com *macisteratus* de uma inscrição da Apúlia. Em duas inscrições contemporâneas, ambas do mesmo santuário da Fortuna, no Transtíbere, lêmos *magistreis* e *macistres*.

Dêstes exemplos ressalta, mais uma vez, o parentesco entre as duas guturais, e se conclue que a letra *g* não tinha o som de *j*.

*3.º — Consoantes «m» e «n».*

Estas duas consoantes, uma nasal bilabial, *m*, outra nasal dental, *n*, possuem o valor consonântico, misturado com ressonância nasal.

Note-se que neste momento só nos referimos a estas letras como consoantes; outro valor lhes assinalaremos, quando tratarmos das soantes.

A) *Consoante m.*

Em geral, a pronúncia portuguesa do latim dá ao *m*, no fim da palavra, só a ressonância

nasal. *Amem* do verbo *amare* diz-se vulgarmente, entre nós, *amẽ*. Não era assim que os latinos pronunciavam; pois para êles o *m* final tinha o mesmo valor que o inicial e o médio. Por exemplo, *uim*, acusativo da palavra *uis*, proferia-se como a nossa palavra *vime*, com um quási nada de ressonância nasal. *Marmoreum* dizia-se *marmoreum*(*e*).

Uma razão que se me afigura convincente para demonstrar o valor da nasal bilabial com a sua ressonância, vou buscá-la aos grupos *-ms-* e *-mt-*. (Cfr. II Parte, n.º 80).

Com efeito, nestes grupos desenvolve-se, em latim, um *p* epentético. Assim, *sumsi*, *sumtum*, do verbo *sumo*, passaram a *sumpsi*, *sumptum;* da mesma maneira, *emtum*, *emptum*, de *emo; dempsi*, *demptum* de *demo; comsi*, *comtum (compsi*, *comptum)* de *como; exemptum* de *eximo; promptus*, *-a*, *-um*, do verbo *promo*, *prompsi (promsi)*, *promptum (promtum)*. Em Énio lê-se até a palavra *hiems*, escrita *hiemps*, no verso 226, do livro XVI dos Annales: *Aestatem autumnus sequitur, post acer hiemps it.*

Qual a razão dêste *p* epentético? Não creio que haja outra a não ser esta: o *m* soava *m*ᵉ, com ressonância nasal, e, por isso, se fêz uma adaptação orgânica nos grupos *-ms-*, *-mt-*, introduzindo-se a letra *p* de transição.

Fenómeno idêntico se observa também em português, por causa do *m*. Temos a palavra *ombro* que vem do latim *umero*, *umro*. Ora neste grupo *-mr-* desenvolve o português um *b* por epêntese: *umeru* > *umro* > *omro* > *ombro*. É o mesmo que se dá com a palavra popular *cambra*; — a *Cambra* municipal, a *cambra d'ar*. *Câmera* > *camra* > *cambra*. É uma necessidade orgânica de adaptação; pelo mesmo motivo escrevemos, em português, um *m* antes de *b*, *p* e *m*: *pombo*, *compor*, *emmalar*. Quere dizer, o *m*, especialmente, em latim, tem, além da ressonância nasal, o seu valor consonântico, de bilabial.

Esta função de bilabial, mais acentuada no latim que na nossa língua, fazia que a letra *m* se pronunciasse *m*[e], em qualquer posição, — inicial, média ou final.

Surge, porém, uma objecção, tirada da métrica latina, que parece opor-se à doutrina exposta para o *m* final. O *m* final de uma palavra elide-se no verso, quando a palavra seguinte começa por vogal. A elisão, como diz a prosódia latina, devora-o: *m vorat ecthlipsis!* Ora, se o *m* final se pronunciava *m*[e], segundo se disse, porque razão é que se elidia, ou, como afirma a prosódia, era devorado? Fàcilmente se compreenderia o fenómeno, se o *m* final tivesse só o valor de ressonância; neste caso, não haveria dificuldade em admitir e explicar a elisão poé-

tica. Não teria o *m* no fim da palavra, pelo menos em verso, só o valor nasal? Riemann e Goelzer assim opinam.

Contudo, aqui, como em muitos casos, *in medio stat uirtus*. De-facto, mesmo nessa posição, em verso, o *m* tinha o seu valor próprio de bilabial; mas êsse valor era muito rápido, tão rápido que a vogal que precede o *m* ficaria em hiato com a vogal da palavra seguinte, e, por isso, o *m* e a vogal anterior em hiato se elidia.

Isto mesmo afirma Quintiliano (IX, 4, 10) ao falar da consoante *m*: «*Eadem illa littera quotiens ultima est et uocalem uerbi sequentis ita contingit ut in eam transire possit, etiamsi scribitur, parum exprimitur, ut «multum ille» et «quantum erat» adeo ut paene cuiusdam nouae litterae sonum reddat. Neque enim eximitur, sed obscuratur, et tantum aliqua inter duas uocales uelut nota est, ne ipsae coeant*». Donde se conclue o seguinte: o *m* final tinha um som rápido e surdo, de tal maneira que o povo, — como se prova pelas inscrições gravadas por artífices incultos, — não pronunciava êsse *m*. Em prosa, na linguagem corrente e nos discursos, o *m* final pronunciava-se rápido, surdo; em verso, a pronúncia era de tal modo rápida, surda e fraca que, por assim dizer, o *m* desaparecia.

A-pesar disso, o poeta Énio não concordava

com a elisão e, nos seus versos, protestava contra a regra. No verso 185, do livro X, escreve:

«*Insignita fere tum milia mīlĭtŭm ōctŏ*», fazendo de *mīlĭtŭm ōctŏ* um dáctilo e um espondeu. Prisciano, comentando êste facto, escreve: «*Finalis dictionis subtrahitur* «*m*» *in metro plerumque, si a uocali incipit sequens dictio... Vetustissimi tamen non semper eam subtrahebant*».

B) *Consoante n.*

A letra *n* fazia ouvir o seu valor dental, além da nasalidade, mas era tão fraco ou tão deminuto êsse valor, que quási só ficava a ressonância nasal.

O som do *n* em *pontus* devia aproximar-se muito da ressonância que nós damos à palavra portuguesa *ponto*, embora tivesse um nadinha de elemento dental, *pon*(e)*tus*. Mas êsse elemento devia ser tão brando que o povo até antes de *s*, suprimia a nasal dental.

Assim, na inscrição de Nemi, está a palavra *cosol*, em vez de *consol, consul;* noutra inscrição, temos *Albesi patre* por *Albensi patri;* na Úmbria encontrou-se também, numa inscrição, a forma *scies* em vez de *sciens*.

Parece mesmo que êsse fenómeno deveria ser o resultado normal do *n* antes de *s*, a julgar

pela formação do acusativo do plural: *rosans*> *rosas*; *dominons*> *dominos*; *legens*> *leges*; *turrins*> *turris (turres)*; *manuns*> *manus*; *diens*> *dies*. Pela mesma razão, palavras do tipo *formonsus* que deu *formosus*, evoluíram até a supressão do *n* no grupo *-ns-*.

Em palavras como *pons*, *mons*, *fons*, o grupo mantém-se, devido a outras circunstâncias fonéticas, pois nelas não se encontra pròpriamente o mencionado grupo *-ns-*, mas *-nts-*: *ponts*> *pons*; *monts*> *mons*; *fonts*> *fons*.

Na métrica podemos também apreciar a debilidade geral do *n*, pois muitas vezes, em Plauto, o *n*, seguido de consoante, não alonga a sílaba precedente: assim, *ĭn manu*, *uolŭntate*, ficando breves as sílabas *in* e *lun*. Riemann e Goelzer chegam a dizer que o *n* tinha talvez um simples som nasal, sem intervenção dental.

C) *Grupo -gn-.*

Êste grupo pronunciava-se na boa linguagem latina, como gutural-dental e não como nasal sonora ânterò-palatal, *nh*; *dig-nus*, e não *dinhus*.

É certo que o *-gn-*, na passagem para as línguas românicas, sofreu uma evolução que, em determinados casos, chegou até *-nh-*. Mas tal evolução do baixo latim não pode servir de

norma para a boa pronúncia latina. Na evolução para português, o grupo *-gn-*, umas vezes deu *-nh-: agnum > anho;* outras vezes, o *g* passou a *i: regnum, reino;* outras vezes ainda, o *g* desaparece: *dignum, dino* (arc.); *benignum, benino* (arc.).

*4.º — Consoante «s».*

O *s inicial* e *médio* tinha valor sibilante, bem nítido, como nas palavras portuguesas *sono* e *posso*.

Contudo, devemos notar que a fricativa, *s*, no comêço e no meio do vocábulo, mostrava tendência para o som de *z*, como se pode determinar, pela escrita de alguns textos antigos.

Numa inscrição falisca, sôbre uma placa de bronze, lêmos: «... *de zenatuo sententia (de senatus sententia)*, e note-se imediatamente a aproximação *zenatuo* e *sententia*, na mesma linha, com *s* e com *z*, no comêço das palavras.

Sôbre uma moeda de Cora, posterior ao ano 273, está gravado o nome *Coza*, em vez de *Cosa*, que depois deu Cora.

A transição *s — z — r*, ou, por outra, a passagem de *s* a *r*, recebe, em fonética, o nome de *rotacismo* (da letra grega ρ chamada *rho).* No latim primitivo, encontram-se palavras com *s*

intervocálico, como vemos na inscrição mais antiga que se conhece da língua latina, do ano 600, aproximadamente, antes da nossa era: «*Manios med fhefhaked Numasioi*». Êste substantivo *Numasios* aparece mais tarde sob a forma *Numérius*, com *s* transformado em *r*.

Com o andar do tempo, o *s* entre vogais desapareceu do latim, passando a *r*, de modo que no século III antes de Cristo, não há *s* intervocálico. Se algumas palavras existem na língua latina com *s* entre vogais, é porque a letra está em condições fonéticas especiais, ou porque a palavra entrou para o latim após aquela data. (Cfr. II Parte, n.° 53, onde se estuda mais longamente o rotacismo).

Veio isto a-propósito de se dizer que houve uma época em que o *s* intervocálico teve o som de *z*, passando depois a *r*. Fora disso, onde o *s* se encontra, no comêço ou no meio do vocábulo, tem o valor sibilante, como em *sono* e *posso*.

*S no fim da palavra.*

O *s* final de palavra tinha um som muito brando, quási imperceptível.

O povo nem sequer o pronunciava, conforme se pode deduzir das inscrições. Assim, aparece *militare* em vez de *militaris*, com queda do *s*, e passagem normal de *i* final a *e; nationu* por

*nationos (nationis)*, com queda do *s* final, como em *Diouo* por *Diouos (Iovis)*.

Os primeiros poetas também não contavam o *s* final para a posição ou quantidade da sílaba. Énio, por exemplo, usa com freqüência nos seus hexâmetros o quinto e sexto pé com êste tipo: *ārtŭbŭs lūmĕn; faūcĭbŭs cūrrūs.* Lucrécio, pela sua tendência arcaïzante, emprega também amplamente, através dos seus versos, formas como estas: *infāntĭbŭs pārŭīs; īgnĭbŭs līquōr; coeūntĭbŭs gūttĭs*, etc.

Donde se vê que o *s* final, ou não se pronunciava, ou mal se pronunciava.

Os escritores seguintes, só em casos raríssimos, — contam-se pelos dedos, — seguiram o método de Énio e Lucrécio. Evitavam essas construções, porque o *s* final, no período clássico do latim, dava sinal da sua presença: pronunciava-se, pronunciava-se brandamente.

*5.º — Consoante «t».*

O *t*, nas suas três posições, inicial, média e final, soava sempre do mesmo modo: *tentat*, e não *tentad*, como apregoam algumas das nossas gramáticas da língua latina.

É certo que se notam formas arcáicas em que aparece um *d* em vez de *t*: *sied* por *sit*; *fhefhaked* e *feced* por *fecit*. O caso é exacto, mas

aquêle *d* é uma desinência secundária e nunca foi um *t*.

Logo que o latim organizou a sua conjugação, baniu essas formas antigas, e o *t* desinencial generalizou-se, com a pronúncia própria de *t*.

Mas há mais. A pronúncia do *d* era quási tão forte como a do *t*, o que poderia originar confusões na escrita para os latinos, mas não serve para nós pronunciarmos o *t* final como *d*.

*Grupo -ti-.*

O grupo *-ti-* interior costuma pronunciar--se, entre nós, como *-ci-*: *natio*, *nacio; totīus*, *tocíus*, etc. As gramáticas até apresentam uma regra, que, como tôdas, tem também excepções. Dizem essas gramáticas: «O *ti*, seguido de vogal, tem o som de *ci*; *oratio*, *oracio*. Mas (aqui entram as excepções!) conserva o seu valor: 1.º) nas palavras gregas, *Miltiades;* 2.º) nas palavras latinas, se está precedido de *s*, *t*, ou *x; ostium*, *Attius*, *mixtio;* 3.º) no infinitivo passivo arcaico em *ier: patier*».

Quisemos apontar a regra das gramáticas para afirmarmos que não é verdadeira, pois o *-ti-* nunca se pronunciava *-ci-*, na língua latina.

Podemos até confirmar esta doutrina com nomes próprios latinos transliterados para grego.

Por exemplo, *Horatius* e *Valentia*, passaram para grego com *ti*, e não com *si*, *Horátios*, *Oualentía*, Ὡράτιος, Οὐαλεντία, exactamente como Miltíades.

*6.º — Consoante «v».*

Esta consoante não existia no alfabeto latino com o valor de fricativa sonora dento-labial, como na palavra portuguesa *vivo*, pois o *V* tinha o som de *u*

Quanto à grafia, encontramos em latim o *V* (maiúsculo) e não se encontra o *v* (minúsculo); ao contrário, existia o *u* (minúsculo) e não existia *U* (maiúsculo). *V* e *u* soavam da mesma maneira, correspondente ao ditongo *ou* do grego e do francês, ou à nossa letra *u*.

Por isso, os nomes próprios latinos, ***Publicius***, *Pulcher*, *Saluenius*, *Vergilius*, *Vitellius*, *Valerius*, transliterados para grego mostram as sílabas *Pu*, *lu*, *Ve*, *Vi*, *Va*, escritas com o mesmo ditongo *ou*: *Poublikios*, *Poulcher*, *Salouenios*, *Ouergilios*, *Ouitellios*, *Oualerios*, Πουβλίκιος, Πούλχερ, Σαλουήνιος, Οὐεργίλιος, Οὐιτέλλιος, Οὐαλέριος, porque *V* e *u* soavam sempre do mesmo modo.

Só no século XV da nossa era é que se introduziu na escrita do latim o *v* minúsculo para evitar confusão na grafia, e para facilidade da leitura de certos vocábulos, como *uoluere (volvĕre)* que podia confundir-se com *voluēre*; *uolui*

que pode ser *volvi* e *volui*, etc.; mas a pronúncia deve ser sempre *u*.

Portanto, *uita*, *uagus*, *uero*, *uiuus*, *uenio*, *iuuentus*, exactamente como *tuus*, *durus*, etc.

7.º — *Consoante «h»*.

O *h*, a princípio, não se pronunciava entre a gente culta; mas o povo, onde o encontrava, fazia uma leve aspiração.

A aspiração popular generalizou-se a tal ponto que entrou nas camadas doutas, até tomar um carácter de pedantismo, digno de remoques, segundo se lê num belo epigrama de Catulo contra Árrio, a censurar o uso e abuso dos *hh* aspirados. Árrio dizia *chommoda* em vez de *commoda; hinsidias* em lugar de *insidias; Hionios* em vez de *Ionios*. E julgava talvez o cultor do *h* que falava de uma maneira mirífica!

*«Chommoda dicebat, si quando commoda uellet*
*Dicere, et insidias Arrius hinsidias,*
*Et tum mirifice sperabat se esse locutum...*
.......................................
*Cum subito adfertur nuntius horribilis:*
*Ionios fluctus, postquam illuc Arrius isset,*
*Iam non Ionios esse, sed Hionios».*

O *h* era pronunciado de-facto com leve aspiração, sem exagêro. O próprio nome de *Horácio*,

passado para grego, vem confirmar esta afirmação, visto que os gregos lhe deram o espírito áspero (aspirado): *'Oratios* Ὡράτιος. De igual modo, palavras gregas, com êsse espírito áspero ou aspirado, recebiam em latim um *h*, como se vê em *hora*, do grego ὥρα.

Se realmente se dava, como é de supor, a aspiração, devia ela ser quási imperceptível. A esta conclusão chegamos, por meio da métrica latina, pois os poetas, na metrificação, consideravam, em geral, o *h* como inexistente.

Portanto, não deve dizer-se *nikil* de *nihil*, nem *prekendo* de *prehendo;* deve pronunciar-se *ni-hil, pre-hendo*, com ténue aspiração. Talvez baste a diérese para denunciar o *h*, como em francês *le hanneton, La Hollande, le hongrois.*

Além disso, «as palavras que começavam por *h* eram, sob o ponto de vista prosódico, tratadas como as começadas por vogal, e, quando se encontrava no meio da palavra, nem impedia o rotacismo do *s*, e. g. *dĭshĭbĕo* > *dĭrĭbeo*, nem a contracção das vogais por êle separadas, e. g. *nĕhĕmo* > *nēmo*, *nĭhĭl* > *nīl*». (Cfr. Dr. Oliveira Guimarãis, *op. cit.*, págs. 19, 20).

No grupos em que entra o *h (ch, ph, th)*, devia pronunciar-se a consoante com leve aspiração, como no alemão *(Chor, Thal)*, embora o grupo *ph* seja vulgarmente pronunciado *f*, o *ch* se pronuncie *c*, e o *th*, simplesmente *t*.

*8.º — Consoante «j».*

A consoante constritiva ânterò-palatal sonora, com o valor de *je*, não existia em latim.

Daqui se segue que não devia escrever-se, nem deve ler-se *ejus*, *hujus*, *Ajacis*, *Trojano*, *jactatus*, *injeci*, *conjux*, etc., mas *eius*, *huius*, *iactatus*, *inieci*, *coniux*, etc.

## IV

### Semi-vogais : *i̥*, *u̥*

Havia em latim duas letras que, tendo o valor de vogais, desempenhavam, em certas circunstâncias fonéticas, o papel de consoantes; e por isso, se chamam, embora sem exactidão, semi-vogais: eram o *i* e o *u*.

É pena que não houvesse sinais diferentes para cada um dêsses valores; o *i*, quer vogal, quer consoante, é sempre representado por *i*, assim como o *u* se usa sempre para os dois valores.

Que eram afinal as semi-vogais? Eram sons transitórios, espécie de sons parasitas, equivalentes ao *y* francês e ao *w* inglês, como em *plier (pli-y-er)* e *word (w-u-ârd)*, que se encontravam em latim nos grupos *i + vogal de timbre dife-*

*rente*, ou *u + vogal de timbre diferente*, formando duas sílabas: *uia*, *iecur*, *maiorem*, *iugum*, *duorum*, etc., que se liam *ui-y-a; i-y-ecur; mai-y-orem; i-y-ugum; du-u-orum*, como *u-u-enio*, *u-u-erto*, *u-u-asto*, *u-u-agus*, *u-u-iuus*, etc.

O *i* e o *u* representam, pois, a vogal e a semi-vogal, quere dizer, as vogais, *i*, *u*, e as semi-vogais que em fonética costumam indicar-se por i̥ e u̥. Só muito mais tarde, apareceu, já por alturas do renascimento literário europeu, o *j* e o *v* minúsculo ao lado do *i* e do *u*.

Esta falta do alfabeto latino causou graves prejuízos à escrita e à leitura. Como em latim, nos tempos primitivos, não se dobravam as letras, sucedia que certas palavras que deviam ter dois *uu* eram escritas só com um, o que, além de as transformar, dava origem a pronúncia errónea. Assim *IVVENTA*, escrita *IVENTA* admitia, pelo menos, duas pronúncias; uma verdadeira e outra falsa: *iuuenta* (verd.) i-y-uenta (falsa).

Por esta mesma razão, até se deu o caso de suprimirem, definitivamente, a letra *u* dobrada, quando o étimo a exigia, como em *fluĕre*, que deve ser *flu-u-ĕre*, proveniente de *flu*-$g^{w}$-*ĕre*, em que o elemento -$g^{w}$- deu a letra *u*, com formação idêntica a $g^{w}$-*enio* > *u-enio*.

Do exposto se conclue que as palavras, em que entram *i* ou *u* semi-vogais, devem fazer ouvir a semi-vogal. Por isso, *huius*, *hui-y-us;*

*pius, pi-y-us; aio, ai-y-o; maior, mai-y-or; de-uenio, de-u-u-enio; perualēre, per-u-u-alēre*, etc.

Não estranhemos êste fenómeno latino, porque em português, também se observa facto semelhante, em palavras como *dia*, *rio* (em Lisboa mal pronunciado, como ditongo *riu)*, *lua*, *ruido*, e tantas outras. (Note-se que ao apontarmos estes exemplos portugueses, não cuidamos do processo etimológico, mas sòmente do fenómeno fonético).

## V

### Soantes

Acabamos de ver que duas letras latinas, geralmente vogais (*i* e *u*), podiam ter, por vezes, valor consonântico: eram semi-vogais.

Ao revés, havia letras, em latim, que eram geralmente consoantes, mas tinham, de quando em quando, som vocálico: eram consoantes que se faziam acompanhar por vibrações da glote, e, por si mesmas, sem auxílio de vogais, soavam. Daí lhes veio o nome de *soantes*.

Essas letras eram, *l,r,m,n*, que, em fonética, ao tomarem as funções de soantes, costumam notar-se, por falta de outros caracteres, com os sinais seguintes: l̥, r̥, m̥, n̥.

Em teoria, as soantes podiam ser muitas mais; mas, na prática fonética, só se consideram estas quatro.

Tais consoantes, com valor vocálico, ou, por outra, tais soantes, não constituem privilégio da língua latina, visto que existiam também em tôdas as línguas primitivas, e existem nas línguas modernas, sendo abundantes em português.

No norte de Portugal, há uma povoação, donde provêm certas águas minerais, — águas de Melgaço. Pois bem; lá não se diz *Melgaço*, diz-se Ml̥gaço (M$^{e}$lgaço). Quando, sem pruridos de cultismo, proferimos a palavra *relevar*, dizemos despretenciosamente rl̥var (r$^{e}$lvar). Aí temos o *l* soante!

No Minho o verbo *pensar* só se pronuncia pn̥sar (p$^{e}$nsar). Até me ficou de ouvido, esta frase, pitoresca para outros, e normal lá para o Minho: «*Br̥deiramente nun pn̥saba...*» que, em português do Sul, é: «verdadeiramente não pensava...» Da mesma maneira, *ln̥çol* e outras.

Na linguagem corrente, mesmo culta, dizemos naturalmente *mn̥estrel*, por *menestrel*. Aí está o *n* soante!

Atentemos na forma comum de pronunciar a palavra *remediar*, que dizemos *rm̥diar*, e lá veremos o *m* soante, assim como em *rm̥ter*, *sm̥ear*, *(remeter, semear)*, etc.

Abundantíssimo então, entre nós, é o *r* soante. Oiçam-se, pronunciadas normalmente, as palavras *merecer*, *merecimento*, *enternecer*, e muitas outras, e veremos que se dizem *mr̥cer*, *mr̥cimento*, *entr̥necer*.

O fenómeno do *r* com som vocálico, é tão vulgar, na nossa linguagem, que até muitas pessoas fazem desenvolver, por epêntese, um *e*, onde não deve existir, e dizem *pádere*, em lugar de *padre; terave* por *trave*, *querença* por *crença*.

Às vezes, em sinal de carinho ou por motivo de irritação, ouve-se dizer: «*Queriança!*» Para mostrar estranheza e admiração temos a fórmula: «*Credo, Santa Maria!*» Mas, se é grande o espanto, exclamam: «*Querédo!*» E, se aumenta muito o pasmo, aumenta também a deformação da palavra, e ouve-se: «*Carédo! Santo Deus!*»

A palavra *cancro* passou, entre a gente menos culta, a *cânquero*, e o povo diz geralmente *câncaro*. Efeitos do *r* soante!

Não será por causa dêste *r* soante, — pregunto eu agora, — que as formas *fevreiro* e *sovreiro*, tão discutidas entre os mestres, deram *fevereiro* e *sovereiro*? Parece razoável; mas os mestres da matéria lá discutem as suas razões, apoiados com anaptixes e outras belas palavras. De igual modo explicaríamos *fêvera*, ao lado de *fevra* *febra* e *fibra*.

Houve, pois, em latim, como há em português, certas consoantes com valor vocálico, chamadas soantes. Ainda que tiveram vasta influência na evolução e formação de palavras latinas, quási não tinham influência alguma na pronúncia do latim, depois de constituída a língua do Lácio, ao contrário do que sucede em português, onde as soantes desempenham papel eminente na pronúncia de muitas palavras nossas.

Verificamos o facto português, sem pretendermos afirmar a influência que êle possa ter na evolução dos fenómenos fonéticos da nossa língua.

## VI

### Leis da acentuação

Além do valor das vogais, semi-vogais e consoantes, a pronúncia do latim depende também da acentuação das palavras.

Não vamos aqui tratar da questão intrincada relativa ao *acento melódico (musical* ou *de altura)* e ao *acento intensivo* (ou *de intensidade)*, porque não é agora momento oportuno. (Vid. II Parte, cap. I, § II).

1.º — Na língua literária latina, o *acento*, — dando a êste têrmo o significado que lhe atri-

buímos para as palavras portuguesas, — nunca recai, quando os vocábulos são de duas ou mais sílabas, na sílaba final.

2.° — Se o vocábulo tem duas sílabas, o acento está sempre na primeira, seja ela breve ou longa: *canis*, *pedis*, *dico*, *laudas*, *iter*, *quinque*, *possum*, *pater*.

3.° — Se a palavra tem mais de duas sílabas, o lugar do acento *depende da quantidade da penúltima sílaba:*

*a)* quando a *penúltima sílaba é longa*, *por natureza* (em que entra vogal longa ou ditongo) ou *por posição* (em que entra uma vogal seguida de consoante dupla, ou de consoante composta, ou de grupo de consoantes), o acento recai na penúltima: *rosarum*, *leones*, *accuso*, *inquiro*, *collaudo; remitto*, *adduxi*, *legentis; fortitudo*, *renuntiamus; repromissum*, *circunscripsi*, *afflixisti;*

*b)* quando a *penúltima sílaba é breve*, o acento recua para a ante-penúltima: *domĭnus*, *itinĕris*, *facĭlis*, *diffĭcĭlis*, *mulĭĕris*, *scribĭtur*, *laudabĭmus*, *amauĕro*, *auxilĭum*, *refĭcĭo*.

4.° — Como excepção aos números 1.° e 2.°, acima indicados, notemos que a 2.ª pes. do sing. do imperativo dos verbos compostos de *dicere* e *ducere*, que deveriam ser, por exemplo, *addíce* e *addúce*, ao perderem, normalmente, a letra final, não deixaram de ter o acento nas sílabas *i* e *u;* por isso, são *addíc*, *addúc*, *edíc*, *abdúc*, *edúc*.

5.º — As enclíticas, que não têm acento próprio, ligam-se intimamente à palavra precedente, formando com ela um conjunto fonético, e o acento recai na sílaba, *breve* ou *longa*, que precede a enclítica. Esta norma altera, como se vê fàcilmente, o número 3.º *b)*.

As enclíticas principais são: *-ce*, *-met*, *-ne*, *-que*, *-ue*.

E assim temos, por exemplo, *huiúsce*, *audísne*, *legísque*, *muliérue*, a-par-de *ipsémet*, *omniáque*, *belláque*, *fortéue*, a-pesar-da sílaba acentuada, nos quatro últimos, ser breve. O facto deve-se talvez à analogia, pois, considerando, *e. g.* as formas *aliúsue*, *aliúdue* (masculino e neutro) normais, a forma feminina foi arrastada para *aliáue*, deixando de ser *áliaue* ou *alíaue;* da mesma maneira, havendo as formas normais *fortísque*, *fortémque*, *fortíque*, o neutro passou a *fortéque* em vez de *fórteque*. Caso parecido se deve ter dado com formas do tipo *dignus*, *digna*, *dignum*, em que o masculino e o neutro, com enclítica, seriam *dignúsque*, *dignúmque*, e a forma feminina, por analogia, passou a *dignáque*, em lugar de *dígnaque*. Igualmente, *pleríque*, *pleraeque*, *pleráque*, em lugar de *pléraque*.

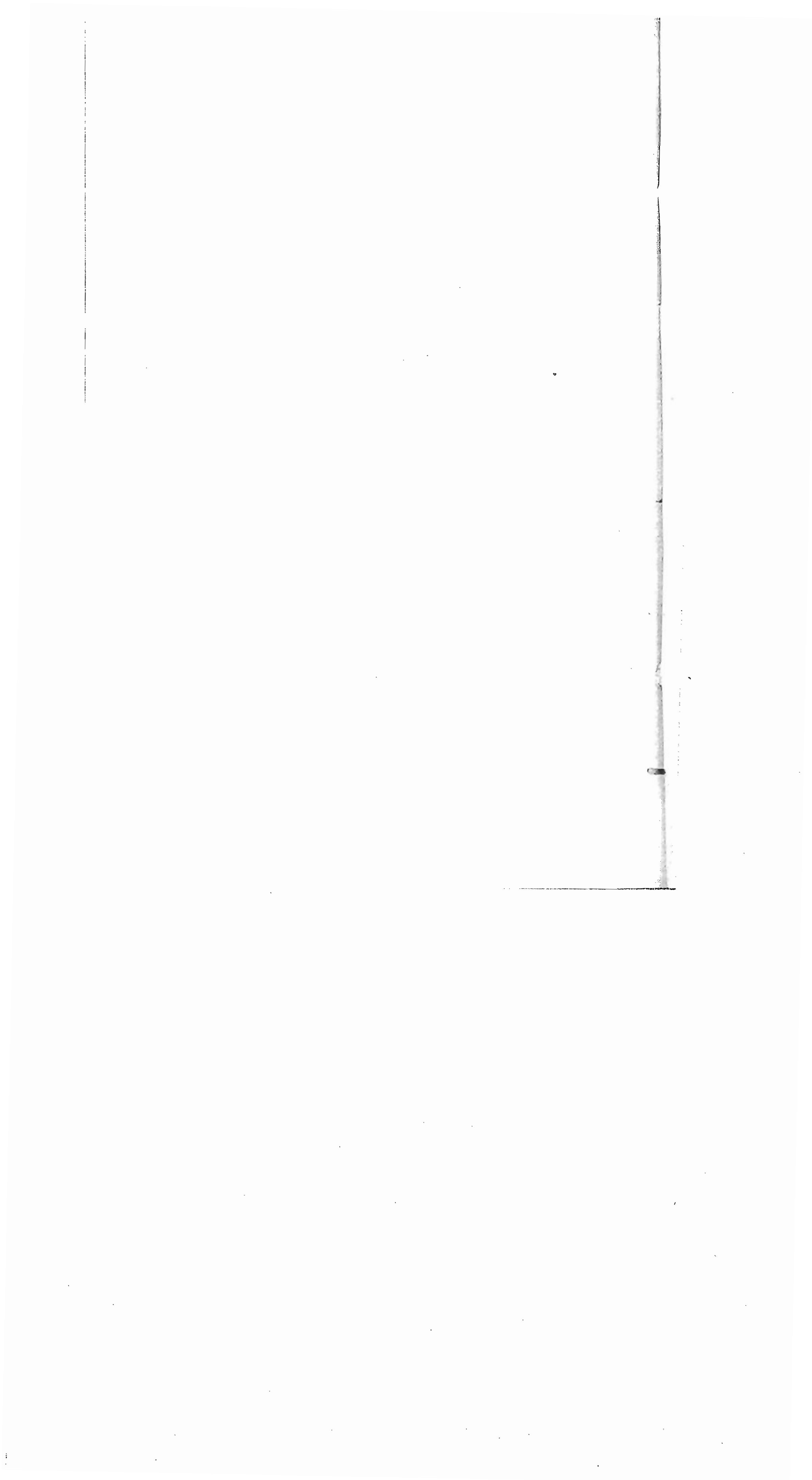
A conjunção conclusiva *ítaque* distingue-se do grupo *itáque (ita-que)*, porque na conjunção se perdeu a noção da formação da palavra e

ficou sujeita, quanto à acentuação, à regra geral, em que a penúltima sílaba é breve (cf. 3.° *b)*.

Com o que aí fica, afigura-se-nos que se poderão modificar algumas ideas erróneas, corrigir bastos defeitos e introduzir a exactidão, quanto à pronúncia do latim.

# SEGUNDA PARTE

## Elementos de Fonética Histórica Latina



# FONÉTICA

## CAPÍTULO I

## Noções gerais

### I

### Modificações inconscientes — Analogia — Acção dos Gramáticos

Chama-se *Fonética* a ciência que estuda os fonemas da linguagem, entendendo por *fonemas* os sons produzidos pela corrente de ar dos pulmões ao ferir as cordas vocais.

Êsses sons não são puros, porque não podem ser emitidos independentemente dos órgãos anexos, como a bôca, a língua, os dentes, os lábios, o nariz, que mais ou menos os alteram.

Mas, além desta alteração que afecta a pureza dos fonemas, há outra alteração, inconsciente e lenta, mas contínua, que modifica as palavras.

Com efeito, cada um de nós, insensìvelmente, vai dando novos cambiantes aos sons que herdou e aprendeu. A criança não repete com exactidão os sons que lhe ensinam e, pela vida fora, conserva a modificação que lhes introduziu inconscientemente. Novas crianças e novas gerações se sucedem e, com elas e por meio delas, as pequeninas modificações inconscientes vão-se fixando na linguagem, alterando pouco a pouco os fonemas, e, conseqüentemente, as palavras.

Daí formarem-se línguas diferentes, evoluídas de uma língua comum, porque os sons se modificaram, devido a tendências e influxos diversos, do clima, da alimentação, da raça, das actividades, das aptidões, da situação geográfica, das preocupações internas e externas.

Foi essa modificação lenta, inconsciente, subtil, mas constante, eficaz, progressiva, que de uma língua primitiva fêz nascer as línguas indo-europeias; que do latim fêz evoluir as línguas românicas. Têm parentesco comum, entroncam na mesma árvore genealógica, mas os indivíduos que falam uma delas não compreendem, sem estudo e sem esfôrço, os que falam as outras.

Por idêntico motivo, dentro da mesma língua se formam os dialectos; dentro do mesmo país se estabelecem os falares regionais. São efeitos das transformações fonéticas inconscientes.

A-par destas modificações, provocadas por uma causa fatal e cega, existem outras transformações conscientes das palavras, e devem-se, sobretudo, à *analogia*.

A analogia não é uma causa cega e necessária, porque opera por uma espécie de reacção voluntária contra a degradação, inconsciência e fatalismo das alterações fonéticas.

A analogia muda o sexo aos vocábulos. *Ponte*, em português, é uma palavra do género feminino; mas em latim, francês, italiano e castelhano *(pons, le pont, el puente, il ponte)* a palavra é do genero masculino. Dizem os mestres que a mudança de género nessa palavra se deve à analogia.

A analogia muda as vogais. *Fome*, em português tem um *o;* mas na palavra latina, donde deriva, tem um *a*, *fames*, assim como em francês, *faim*, em castelhano, *hambre*. Porque é que aparece o *o* em português? Por analogia rítmica, segundo observam os mestres, com a forma *come* do verbo *comer: Quem tem fome, come!* Seria horrível dizer que *quem tem fame, come!* A não ser que se dissesse que *quem tem fame, came!* Mas à última frase opõe-se todo o verbo *comer*, com todos os seus tempos, modos e pessoas.

A analogia tem vasta influência nas transformações fonéticas e em tôda a gramática:

muda categorias das palavras, muda desinências, muda flexões, muda até as ideas primárias dos vocábulos para lhes atribuir novas ideas.

Tudo isto faz a analogia, quási sempre com reflexão e consciência.

Os Gramáticos também, com ponderação consciente, se intrometem com os sons, para se oporem às alterações fatais da evolução inconsciente. É por causa da acção repressiva dos Gramáticos, com apoio dos estilistas e da gente culta, que muitos vocábulos não evolucionam ou não se degradam. Assim, a palavra *mesa* não passa a *mêza*, nem *câmara* a *cambra*, como já passou, normalmente, entre o povo, no sul.

São a analogia e a acção refreadora, elementos mais ou menos conscientes, que entravam a marcha evolutiva das alterações fonéticas da linguagem. Mas, com o andar das gerações, os fenómenos lingüísticos vão caminhando lentamente, como os vélhos glaciares, progredindo sempre, avassalando tudo, englobando na sua massa os pedregulhos que pretendem resistir à marcha fatal e necessária.

## II

## Natureza do acento em latim

A articulação das sílabas na palavra pode considerar-se sob três aspectos: a duração da sílaba ou *quantidade;* o esfôrço muscular ou *intensidade;* a elevação da voz ou *altura* (tom).

Deixando de parte a duração ou quantidade que ninguém contesta, visto que todos admitem a existência de sílabas longas e breves sôbre cuja disposição está baseado o ritmo do verso, e o das cláusulas, na prosa, — surge entre os tratadistas uma questão intrincada acêrca da natureza do acento latino na língua clássica.

Seria *acento intensivo*, dependente do esfôrço muscular, da intensidade da pronúncia, que, no vocábulo, tornasse uma sílaba *mais forte* que as outras? Seria *acento melódico* ou *musical*, proveniente da elevação da voz, de modo que a sílaba mesmo que não fôsse mais forte, se tornasse *mais alta?*

Os comparativistas e lingüistas dividem-se pelas duas opiniões. Brugmann, Hirt, Wackernagel, Lindsay, Solmsen e outros ainda, afirmam que a sílaba acentuada, no latim clássico, era

pronunciada com mais fôrça, com maior intensidade, do que as outras sílabas da palavra: o acento, dizem, era intensivo.

Meillet e Vendryès, Niedermann, Riemann e Goelzer e outros autores, são partidários do acento musical ou de altura, e asseveram que na época clássica não havia acento intensivo.

Se nesta contenda nos é lícito tomar partido, inclinamo-nos para a opinião de Meillet e Vendryès, não só pela autoridade dos mestres que a defendem, mas também, e sobretudo, pelas razões que vamos expor.

1.ª — Pelo sânscrito, língua indo-europeia como o grego e o latim, vemos que o acento musical existia, pois o sânscrito o conservou. A sílaba *bhá* da forma verbal *bhárāmi* é pronunciada em tom mais elevado, mais alto (que não significa mais forte). É de supor que se encontrava também nas outras línguas indo-europeias a mesma espécie de acento de altura, e portanto também no latim, a não ser que se prove o contrário. Ora, precisamente o contrário, como se vê por outras razões não se prova.

2.ª — O nome do acento grego é *prosôdía*, προσῳδία, em latim *accentus*. Estas palavras, grega e latina, significam o *canto* que acompanha a articulação da palavra.

Os gregos para designar o acento empregavam ainda o têrmo *tónos*, τόνος (tom) que significa a tensão das cordas do instrumento musical de que depende a altura ou acuïdade do som. Quer fôsse *prosôdía* quer *tónos*, a palavra significava elemento musical, exactamente como em latim, *ad-cantum, ac-centum*.

3.ª — Os testemunhos de Varrão e de Cícero são elucidativos a êste respeito.

Varrão, citado pelo gramático Sérgio no tratado *De Accentibus*, ensina: «*Natura uero prosodiae in eo est quod sursum aut deorsum, nam in uocis altitudide omnino spectatur adeo ut, si omnes syllabae pari fastigio uocis enuntientur, prosodia sit nulla*». Por êste texto se observa que a prosódia (canto) consiste na elevação e no abaixamento da voz, *sursum* e *deorsum*, na altura, *altitudine*, de modo que as sílabas se não pronunciem tôdas em igual elevação, *pari fastigio*.

Cícero, no *Orator*, 18, 57, explica: «*Ipsa enim natura, quasi modularetur hominum orationem, in omni uerbo posuit acutam uocem*». A expressão ciceroniana *modularetur* significa a modulação do canto na fala dos homens, para a qual contribuem as sílabas mais elevadas, *agudas*, da palavra.

4.ª — A estas razões acresce um texto de Dionísio de Halicarnasso, onde se afirma que a elevação da voz não ia além de *uma quinta* em notação musical. Baseados neste texto da época de Augusto, os modernos autores dizem que o intervalo era de uma quinta. L. Laurand, que estudou o texto de Dionísio, afirma que o testemunho dionisiano tem pouco valor. Seja, porém, qual fôr o intervalo, o que é certo é que num Hino grego a Apolo de Delfos, a sílaba marcada com acento agudo ou aquela a que corresponde o acento agudo, tem notação musical mais elevada.

Esta observação quanto ao intervalo é própria do grego, pois para o latim não há um texto que mostre qual era o intervalo na elevação da voz. É de crer que não se distinguisse muito, na língua cantante dos latinos, o intervalo indicado para os gregos.

Das razões e dos factos se conclue, com tôda a probabilidade, que o acento do latim clássico era de natureza musical: acento melódico ou de altura. Era, pouco mais ou menos, como o *canto* que fazem alguns pregoeiros da Santa Casa na extracção da Lotaria: tre*zén*tosequarentaenove!

*

Com o dobar dos anos e com a decadência do latim, a noção e o uso do acento musical obliterou-se, e foi-se confundindo com um novo acento, o *acento de intensidade*, até que, lá pelo século sexto da nossa era, aquêle desapareceu para ceder a êste o lugar.

A intensidade do acento, ou o esfôrço da voz, açambarcou o tom e açambarcou também a quantidade. A sílaba acentuada deixou de ser a *mais alta* para ser a *mais forte:* desapareceu o acento musical! O pé dáctilo deixou de ser uma *longa e duas breves* (- ᴗ ᴗ), para ser uma *forte e duas átonas:* perdeu-se a quantidade!

No fim do século V, já o gramático Pompónio escrevia: «*Illa syllaba plus sonat quae accentum habet*»*:* a sílaba acentuada é a que *soa mais.* Sérgio também do século V, diz: «*Accentus in ea syllaba est quae plus sonat*»*:* o acento está na sílaba mais forte.

Pompónio explica a sua idea com uma comparação: «Imagina que estás a chamar por alguém que se encontra a distância. *Cum coeperis clamare naturalis ratio exigit ut unam syllabam plus dicas a reliquis illius uerbi, et*

*quam uideris plus sonare a ceteris, ipsa habet accentum. Si dicas «orator» quae plus sonat?-ra; ipsa habet accentum».*

Esta explicação minuciosa do gramático vem mostrar que, no século V, era preciso vincar bem a idea, que certamente ainda não estava nítida, acêrca da natureza do *acento intensivo*, assim como Cícero e Varrão, uns seis séculos antes, expuseram a natureza do acento musical das palavras.

Resumindo a exposição feita até aqui e apoiando-nos em Vendryès, podemos concluir: 1.º — Que no século I antes de Cristo o acento ainda era musical; 2.º — Que o acento musical se conservou até ao século V; 3.º — Que por essa época aparecem indicações quanto à existência de um acento de intensidade, que sobrepujou o acento de altura; 4.º — Que do acento de intensidade dimanou a acentuação universal das línguas românicas.

## III

### Intensidade inicial

A intensidade inicial das palavras latinas não deve confundir-se com o acento de intensidade de que acabamos de falar.

Com efeito, o acento de intensidade refere-se à sílaba acentuada da palavra, ao passo que a intensidade inicial corresponde a um fenómeno relativo à sílaba inicial dos vocábulos.

No período pre-histórico do latim, que começa talvez na época em que a língua latina se separou dos dialectos itálicos, tornando-se independente, as palavras tomaram um acento inicial de intensidade, sôbre a primeira sílaba. Esta intensidade, que só se conhece pelos resultados fonéticos produzidos nos vocábulos, como pelos efeitos se deduz a causa, — exerceu diversas mutações de timbre nas vogais que vinham no meio da palavra, e provocou enfraquecimentos em sílabas interiores, que levaram à queda e desaparecimento dessas sílabas, além de alterações de quantidade.

Escreve com exactidão, o abalisado Prof. Dr. Simões Neves, na pág. 32 da *Fonética*: «Dá-se com os vocábulos o mesmo que se observa na economia dos sêres vivos. Quando um órgão se desenvolve de uma maneira anormal, fá-lo geralmente à custa dos órgãos vizinhos. Assim o robustecimento da sílaba inicial dos vocábulos latinos realizou-se à custa do definhamento das sílabas seguintes da palavra».

Mas o latim era uma língua essencialmente quantitativa, baseada na quantidade das sílabas e das vogais, — como *natureza* herdada do indo-europeu; e por isso sucedeu que aquela intensidade inicial, — que era *inovação* particular da língua latina, teve de suportar o embate da quantidade ancestral e inata. Não foi feliz a intensidade inicial; depois de ter provocado, com despotismo, os fenómenos fonéticos nos vocábulos que lhe estavam sujeitos, bateu em retirada, vencida pela quantidade. A *natureza* ancestral da língua subjugou a *inovação!*

Para concluir estas notas sôbre a acentuação em latim, pode dizer-se o seguinte: 1.° — No período pre-histórico deu-se uma inovação exclusiva da língua latina, que consistiu na intensidade inicial, coexistindo com ela a quantidade e o acento de altura, provenientes do indo-europeu; 2.° — No período histórico, desaparecida a intensidade inicial, coexistiam a quantidade e o acento musical, que permaneceram, através do período clássico, e se alongaram até alturas do século V; 3.° — No período românico, o tom e a quantidade do latim cederam o lugar ao acento de intensidade, que predomina nas línguas românicas, até os nossos dias, na prosa e no verso.

CAPÍTULO II

# Classificação das consoantes

## I

### Quadro sinóptico

A classificação dos sons da linguagem não pode corresponder nunca à realidade, pois têm de ficar sempre de fora múltiplos sons da voz humana que não se enquadram na classificação: — só se classificam os principais. Além disso, são vários os critérios para introduzir os sons em agrupamentos: — critério acústico, que atende às qualidades do som (intensidade, tom, timbre); critério orgânico, que atende ao modo e ponto de articulação; critério, por fim, baseado nos dados fornecidos pela Fonética Experimental.

Por mais perfeita que seja qualquer classificação é sempre deficiente e imprecisa.

## Quadro sinóptico

| Quanto ao modo de articulação: | | Quanto à sonoridade | Quanto ao ponto de articulação: Velares | Guturais | Médio-Palat. | Ântero-Palat. | Dentais | Lingüi-dent. | Labii-dent. | Bilabiais |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º — **Oclusivas** ou **Momentâneas** ou **Explosivas** | orais | sonora | $g^w$ | g | | | | d | | b |
| | | surda | $q^w$ | c,k | | | | t | | p |
| 2.º — **Constritivas** ou **Contínuas** | fricativas (sibilantes) | sonora | | | i (cons.) | j | z | | v | u (cons.) |
| | | surda | | | | x | s | | f | |
| | vibrantes (roladas) | sonora | | | | | | r | | |
| | | surda | | | | | | | | |
| | laterais | sonora | | | | lh | | l | | |
| | | surda | | | | | | | | |
| | nasais | sonora | | | | nh | | n | | m |
| | | surda | | | | | | | | |

## II

## Explicação do Quadro

Neste quadro incluíram-se alguns sons da língua portuguesa que não existiam na língua latina, tais como os ântero-palatais, *j*, *x* (che), *lh*, *nh*, e outros que só existiram por importação do grego, como *z*. O som da fricativa lábii-dental, *v*, também não se encontra dentro do latim.

A inclusão dêstes sons consonânticos no presente quadro serve, apenas, para facilidade de comparação.

*Quanto ao modo de articulação*, as consoantes dividem-se em dois grupos gerais: 1.°) o das consoantes *oclusivas* ou *explosivas* ou *momentâneas;* 2.°) o das consoantes *constritivas* ou *contínuas.*

No primeiro grupo, há uma oclusão completa do canal bucal, para depois, numa abertura brusca e momentânea, se emitir, em explosão, o som consonântico.

No segundo grupo, não se verifica uma intercepção completa da corrente de ar dos pulmões, mas apenas um constrangimento do ar por causa da aproximação dos órgãos bucais, o que provoca um ruído contínuo do ar que pretende escoar-se para o exterior.

O processo de escoamento é vário; por isso, as consoantes constritivas, costumam subdividir-se em *fricativas, vibrantes, laterais* e *nasais.*

Nas *fricativas*, o escoamento contínuo do ar faz-se por uma fenda ou canal, produzindo um ruído sibilante ou de fricção.

Nas *vibrantes*, a corrente contínua de ar, ao escoar-se, produz um som fraco e uma vibração da ponta da língua.

Nas *laterais*, o escoamento faz-se pelos rebordos da língua, pois a ponta está apoiada e não vibra.

Nas *nasais*, o som é emitido simultâneamente pela bôca e pelo nariz, com ressonância.

*Quanto à sonoridade*, as consoantes dividem-se em *sonoras* e *surdas*, conforme são formadas por uma corrente de ar com vibrações da glote, ou sem essas vibrações sonoras.

*Quanto ao ponto de articulação*, as consoantes são *velares, guturais, dentais, labiais*, etc., conforme o ponto ou lugar do aparelho fonador em que se produz a articulação das oclusivas ou das constritivas. Se nos lábios, são labiais; se na gargante, são guturais; se nos dentes, são dentais; se com intervenção da língua e dentes, são lingui-dentais, etc.

## CAPÍTULO III

# Modificações vocálicas

## I

## Noção de apofonia e síncope

A intensidade inicial, no período pre-histórico da língua, exerceu sôbre os vocábulos fenómenos característicos, sendo os dois principais, a apofonia e a síncope.

A *apofonia* é a modificação do timbre vocálico, em vogais breves, no interior das palavras, por efeito do acento intensivo inicial.

A *síncope*, em geral, é a queda de vogais, no interior ou no fim das palavras, por acção do mesmo acento intensivo no comêço dos vocábulos.

As modificações, contudo, são diversas, conforme a vogal se encontra em *sílaba aberta* — (limitada por uma consoante), ou em *sílaba fechada* — (limitada por um grupo de consoantes), no interior da palavra. No fim da palavra,

diz-se *sílaba aberta* a que termina em vogal; *sílaba fechada* a que acaba em consoante ou grupo de consoantes. Na forma *hominis*, a sílaba interior *mi* é aberta; a sílaba final *nis* é fechada. Na palavra *affectus*, a sílaba interior *fe* é fechada.

II

## Apofonia em sílaba interior aberta

1 — As vogais breves tomam o timbre *i*, antes das consoantes *d*, *t*, *n*, *g*, *c*.

2 — *Ă* breve passa a *ĭ*, antes daquelas consoantes: *cadens*, *oc-cidens; fateor*, *con-fiteor; dator*, *pro-ditor; statuo*, *re-stituo; cano*, *ce-cin-i; ago*, *red-igo; ta(n)go*, *te-tig-i; facio*, *re-ficio; tacens*, *re-ticens*.

3 — *Ĕ* breve passa a *ĭ*, antes das mesmas consoantes: *sedens*, *prae-sidens; dedi*, *red-didi; steti*, *con-stiti; milet-is* (cfr. *miles)*, *milit-is; teneo*, *re-tineo; flumen*, *flumin-is; lego*, *de-ligo; specio* (cfr. *species)*, *de-spicio*.

4 — *Ŏ* breve passa e *ĭ*, antes de *t* e *c* (para as outras consoantes faltam exemplos): *nouo-s* (cfr. *nouus)*, *noui-tas; loco*, *in-slico (is-slico* > *ī-lico)*.

5 — *Ŭ* breve passa a *ĭ*, antes de *t*, *g* e *c* (para as outras consoantes não há exemplos): *caput*, *capit-is; cornu, corni-ger; manu, mani-ca*.

6 — *Ĭ* breve conserva-se antes daquelas cinco consoantes: *fides, per-fidia; cito, sus-cito; minus, quo-minus, e-minus; ligans, ob-ligans; licitus, il--licitus*.

7 — Antes de *b*, *p*, *f*, *m*, oscilam entre o timbre *i* e *u*, como se vê de alguns exemplos: *capio, re-cipio, re-cupero; portu, portu-bus, porti-bus; manu, mani-festus, manu-festus; pet-i-mus, poss--u-mus; deci-mus, decu-mus* (cfr. *decu-mana porta*) *maxi-mus, maxu-mus; optimus, optumus*.

8 — Antes de *r*, as vogais breves tomam o timbre *e: dare, red-dere; cini-s, ciner-is; uulnos (uulnus), uulner-is; onos (onus) oner-is; tempos (tempus), temper-is*, como se vê do locativo *temper-i* (cfr. tb. *temper-ies, temper-o*, etc.), mas a forma com o vocalismo *e* de *temperis* não aparece no latim clássico, e deve ter sido restituído o *ŏ*, como em *tempŏr-is, tempŏr-i, tempŏr-e*.

A vogal breve *ŭ*, em condições fonéticas especiais, pode passar a *ŏ*, em vez de *ĕ*: *fŭri* > *fŏre*, porque, primitivamente, era *fŭsi*, com *s*, que depois, por fôrça do rotacismo, deu *r*: *fusi* > *furi* > *fori* > *fore*, assim como *forem, fores*, etc.

Note-se também que *epístola* (do gr. ἐπιστολή) passou a *u*, antes de *l*, latinizando-se, *epistula;* cfr. tab. *epistularis*, *epistularius; adoleo* e *adulescens*.

III

## Apofonia em sílaba interior fechada

**9** — Em sílaba interior fechada, *ă* breve passa a *ĕ; ŏ* breve passa a timbre *ŭ*.

**10** — *Ă* breve toma o timbre *ĕ*, antes de qualquer grupo consonântico: *arceo, ex-erceo; barba, im-berbis; scando, a-scendo; factus, ef-fectus; raptus, di-reptus; annus, bi-ennium.*

**11** — *Ŏ* breve passa a *u*: *ampŏra*, *ampulla* (de *ampor(ᵉ)la*); *uetos, uetus-tus; sequ-ontur, sequ-untur.*

**12** — As vogais breves, *ĕ, ĭ, ŭ*, não alteram o timbre, em sílaba interior fechada: *sentio, con-sentio; firmus, in-firmus; curuus, re-curuus.*

**13** — Estas normas de apofonia não se verificam em muitos vocábulos: 1.º) porque êles se formaram depois de desaparecida a intensidade inicial primitiva: *ad-ămo*, deveria ser *ad-imo* ou

*ad-umo* (cfr. 7); 2.°) porque a analogia susteve, em muitos casos, os efeitos da apofonia e restituiu as vogais ao timbre primeiro: *paro* deveria dar e deu, na linguagem popular, *sepero* (cfr. 8), mas a língua culta refez, por analogia restitutiva, *separo*.

## IV

## Síncope

**14** — Em sílaba interior aberta, a vogal breve, devido à intensidade inicial, sofreu sobretudo na linguagem popular, uma queda ou síncope:

*ambiceps* > *ambceps* > *ammceps* > *amceps* > *anceps*;

*hostipes* > *hostpes* > *hosspes* > *hospes*;

*subrego*>*subrigo* (cfr. 3) *surrigo*>*sur(i)go*> *surgo*;

*positus*>*postus* (cfr. *manet alta mente re-postum*, Verg. En. I, 26);

*quinquedecim* > *quincdecim* > *quindecim* (cfr. 77, 2.°);

*opificina* (cfr. *opi-fex*)>*opficina*>*officina*;

*repepuli*, *retetuli*, *repeperi* deram *reppuli*, *rettuli*, *repperi*, formas sincopadas como se prova pelas consoantes duplas;

*secătus*, com *ă* breve, deu *secitus* (cfr. 1 e 2) e depois, por síncope, *sectus*.

**15** — Em sílaba interior fechada é menos freqüente a síncope:

*iouestos* > *ioustos* > *iustus* (cfr. *iouestod*, numa inscrição do Forum; vid. tb. a forma verbal *iouesat (iurat)* do verbo *iouesо (iuro)*, que se lê na inscrição de Duenos);

*semistertius* > *semstertius* > *sestertius*.

**16** — Em sílaba final a síncope toma o nome de *apócope* e é bastante freqüente na língua latina:

*atque* > *atq* > *atc* > *acc* > *ac* (cfr. 74, 4.º e 76, 2.º); *neque*, *nec*;

*dice*, *duce*, *face*, *eme*, passam a *dic*, *duc*, *fac*, *em*, formas de imperativo sing. dos verbos *dicere*, *ducere*, *facere*, *emere*. O imperativo *fer* (de *ferre*) tem a forma *fer*, não devido à síncope final, mas devido a ser um verbo atemático;

*lacte* > *lact* > *lac* (cfr. 76, 2.º);

*montis*, *partis*, *dotis*, *litis*, deram, por síncope, no nom. sig., *monts*, *parts*, *dots*, *lits*, e, daí, as formas normais *mons*, *pars*, *dos*, *lis* (cfr. 57, 3.º).

## V

## Haplologia

**17** — Há ainda outra espécie de síncope, *síncope silábica*, a que dão o nome de *haplologia*

ou *haplolalia*, devida, não à intensidade inicial, como a síncope pròpriamente dita, mas ao facto de duas sílabas seguidas no interior do vocábulo começarem pela mesma consoante:

*semimodius, semodius;*
*hereditatarius, hereditarius;*
*calamitatosus, calamitosus;*
*nutritrix, nutrix;*
*portitorium, portorium.*

Êste fenómeno é semelhante ao que existe em português: *vaidadoso, vaidoso; idololatria, idolatria; cuidoso* a par de *cuidadoso.*

18 — A queda da sílaba-*ui*-nas formas verbais, *laudauisti (laudasti), amauissem (amassem)*, das sílabas *-ua-*, *-ue- lauabrum (labrum), lauatrina (latrina) conuentio (contio)*, noutras condições fonéticas, parece poder explicar-se pela queda do *u*, entre vogais (pois a própria forma *conuentio*, tinha a etimologia *couentio*, como se vê pelo abl. *couentionid*, no senatus-consulto das Bacanais), dando-se depois a contracção das vogais que ficavam em contacto.

CAPÍTULO IV

# Tratamento das vogais, ditongos, semi-vogais e soantes

I

## Tratamento das vogais

**19** — *Vogais longas.* As vogais longas *interiores* não se alteram; *finais*, podem, em certos casos, abrandar-se: *rosā* (com *ā* longo, no nom.) passa a *rosă* (com *ă* breve) (cfr. 79); *dominō*, com *ō* longo, passa a *dominŏ* com *ŏ* breve, e depois *domine* (vocativo).

**20** — *Vogais breves.* As vogais breves sofrem diferentes alterações:

1.° — *ă interior*, em sílaba aberta, passa a *ĭ: făcio, confĭcio* (cfr. 2); antes de *r*, passa a *ĕ: dăre, red-dĕre* (cfr. 8); em sílaba interior fechada, passa a *ĕ: făcio, re-fĕctus* (cfr. 10).

2.° — *ĕ interior*, em sílaba aberta, passa a *ĭ*: *ag-ĕ-te*, *ag-ĭ-te* (cfr. 3); antes de *r*, permanece: *puer*, *puĕri* (cfr. 8); em sílaba interior fechada, permanece: *affĕctus*, *affĕctio* (cfr. 12);

*ĕ*, antes do grupo nasal-palatal, passa a *ĭ*: *quĕnque* > *quĭnque*; *septĕmcenti* > *septingenti*; *(attango) attengo* > *attingo*;

*ĕ*, antes de *l* velar, passa a *ŏ* e *ŭ*: *uĕlle*, *uŏlo*, *uŭlt (uolt)*; *pĕl-lo*, *pŭlsum*; *(in-sălsus)* > *in-sĕl-sus* > *in-sŭlsus*;

*ĕ inicial* subsiste: *rĕgo*, *rĕgio*, *rĕgimen*; *pĕdem*, *pĕdester*, *pĕdica*;

*ĕ final*, em sílaba aberta, tende a cair: *atque* > *atq* > *ac*; *neque* > *nec* (cfr. 16); *tribunale* > *tribunal*; *exemplare* > *exemplar*; *dic*, *duc*, *fac*, *em*, de *dice*, *duce*, *face*, *eme*; *hic*, *haec*, *hoc*, de *hicce*, *haecce*, *hocce* (cfr. 76, 2.°).

3.° — *ĭ interior* permanece (cfr. 6); *final*, passa a *ĕ*: *mari* > *mare*; *nocti* > *noctĕ*; *poti-sum* > *pote-sum* (depois, *pot-sum*, *pos-sum)*.

4.° — *ŏ interior* passa a *ĭ* (cfr. 4); antes de *r*, passa a *ĕ*: *onos (onus)*, *oneris* (cfr. 8);

*ŏ inicial*, permanece: *dŏminus*, *dŏminari*; *nŏuos*, *nŏuus*, *nŏuitas*;

*ŏ final*, em sílaba aberta, de origem, parece não existir, mas proveniente de *ō* longo, transforma-se em *ĕ*: *dominō* (longo), *dominŏ* (breve), *domine*; *ŏ final*, em sílaba fechada, passa a *u*: *genos* > *genus*; *tempos* > *tempus*; as terminações do gen. pl. *-om* e *-rom* dão *-um*, *-rum*: *hosti-om* > *hosti um*; *rosa-rom*, *domino-rom*, *rosa-rum*, *domino-rum*.

5.º — *ŭ interior* passa a *ĭ* (cfr. 5); antes de *b*, *p*, *f*, *m*, permanece ou oscila para *i*: *maxŭmos*, *maxĭmus* (cfr. 7).

## II

## Tratamento dos ditongos

**21** — O ditongo *ai inicial* ou *final* passa a *ae*: *aides* > *aedes*; *praitor* > *praetor*; *rosai*, *feminai*; *rosae*, *feminae*;

*ai interior* passa a *i* (longo), por intermédio de *ei*: *caido*, *in-ceido* > *in-cido*, *quairo*, *re-queiro* > *re-quiro*.

**22** — O ditongo *au inicial* subsiste: *plaudo*, *plaudentes*; na linguagem popular, e às vezes, até, na língua culta, passava a *o*: *Claudius*, *Clau-*

*dia, Clodius, Clodia; lautus* (de *lauitos*) > *lotus; cauda* e *coda*, segundo o gramático Diomedes, *caudam et codam... dicimus; caudex* e *codex; cautes* e *cos, cotis.*

*au interior* passou a *eu*, depois a *u: in-claudo > incleudo > includo; causa, adceuso > adcuso > accuso* (cfr. 24).

Note-se que as formas do tipo *complodo, explodo*, derivam de um primitivo *plodo*, e não de *plaudo*; se dêste se formassem dariam *compludo, expludo.*

**23** — O ditongo *ei inicial, médio* e *final*, quer primitivo quer proveniente de *ai* (cfr. 21), passa a *ī: caido > ceido > (ce)-cīd-i; incaido > inceido > incīdo; ceiuis > cīuis; recei > recī > regī; feido > fīdo.*

**24** — O ditongo *eu* encontra-se em *heu, eheu, heus, neu, ceu* e *seu*. Em *neuter* não forma ditongo: *ne-u-ter* é trissílabo; *ne-u-tiquam.*

O ditongo passou a *u*, por intermédio de *ou*, e, talvez, nalguns casos, directamente: *ab-deu-cit > ab-doucit > ab-ducit; ad-ceuso > ad-cuso* (cfr. 22); *leuk- > louk- > lug-men > lu-men.*

**25** — O ditongo *oi, primitivo* e *inicial*, passa a *u: oinos > unus; poinicus > punicus; moiros*

*(moerus)* > *murus*; *moinia* > *munia* (cfr. *munire*); *poina*, *punire*.

Em certos vocábulos o ditongo *oi* primitivo conserva-se ou foi restaurado, escrevendo-se *oe*: *poena*, *moenia*, *Poeni*. No adjectivo *foedus*, *-a*, *-um*, no verbo *foeteo* e nas palavras com êste aparentadas, como *foetor*, *foetidus*, conserva-se o ditongo *oi (oe)* primitivo, sem se saberem determinar as causas, pois as que se apontam não convencem. O substantivo neutro *foedus*, *-eris*, conserva-o, talvez, por causa da gradação vocálica: *foidus (foedus)*, *feidos (fīdus*, com ī longo), *fĭdes* (com ĭ breve); cfr. 31. *Oboedio*, de *obaudio*, apresenta o ditongo *oi (oe)* de origem ignorada; *obaudio* deveria dar *obudio* (cfr. 22). Nas formas *coegi* e *coepi* não há ditongo: *co-e-gi*, *co-e-pi*, são trissílabos; o segundo, porém, depois de perdida a noção da sua ascendência com o verbo *apio*, *-is*, *-ere*, *epi*, *aptum*, começou a pronunciar-se e a escrever-se como se *oe* fôsse ditongo, relacionando-o erradamente com o verbo *capio*, *cepi captum*. O substantivo *coetus* é também trissílabo, formado de *co-i-tus* (cfr. *co-i-re)*.

*oi final* passa a *i*: *quoi* > *qui*; *dominoi* (gen. sing., *nom pl.*) > *domini*.

**26** — O ditongo *ou*, primitivo ou proveniente de *eu* (cfr. 24), passa a *u*: *ious*, *ius*; *iousbeo*,

*iusbeo*, *iubeo*; *poublicum*, *publicum*; *iouxmenta*, *iumenta*; *deuco*, *duco* (cfr. 24); *plous*, *plus*; *plourima*, *plurima*. Alguns autores explicam estes dois últimos exemplos como se dimanassem de *plois*, *plirima*, com o ditongo *oi*, comparando-os com *ploires*, *plures* (cfr. 25). Vid. também *Pronúncia do Latim*, I Parte, II, 5.º, Ditongo *oe*.

## III

### Tratamento das semi-vogais

A noção das semi-vogais encontra-se no parágrafo que a elas se refere na *Pronúncia do Latim*, I Parte, IV.

27 — A semi-vogal *i̯* (escrita e pronunciada erradamente *j*):

*inicial*, subsiste: *iecur*, *iuuentus*, *iustus*;

*entre vogais*, cai: *eio* > *eo*; *tre-i-es* > *tres*; *turrei-es* > *turres*. Os casos como *maior*, *maius*, *eius*, *cuius*, etc., são devidos a condições fonéticas diferentes, de maneira que a semi-vogal não tinha originàriamente posição intervocálica: *magior* (cfr. *mag-is*), *quoi-os*, por isso receberam tratamento diverso.

*entre consoante e vogal*, permanece: *alius, fugio, medius*. Nesta última palavra dá-se até o caso de a semi-vogal estar precedida de outra semi-vogal, segundo se depreende do grego: *medw-ios*, μέσος, hom. μέσσος.

28 — A semi-vogal *u* (com som de *w* na palavra inglêsa *word*), escrita e pronunciada erradamente *v*:

*inicial*, permanece: *uicus, uis, uideo.*

*intervocálica*, permanece em geral: *nouos (nouus), nouem, ouis*. Mas na evolução da língua sofreu também algumas vezes outras alterações (cfr. 18).

*entre consoante e vogal*, conserva-se; mas *entre d inicial e vogal*, causa a labialização da dental, a qual passa a *b*: *duenos*>*duonus, bonus; duellum*>*bellum* (cfr. *per-duellis, per-duellio*); *duis*>*bis* (cfr. *du-o*).

IV

**Tratamento das soantes**

Sôbre a noção de soantes, veja-se o que se escreveu no parágrafo que a elas diz respeito na *Pronúncia do Latim*, I Parte, V.

**29** — As soantes nasais *m̥*, *n̥*, desenvolvem um *e*: *ped-m̥ > ped-em*; *dek-m̥ > dec-em*; *km̥t-om > cemt-um > centum*; *wi-km̥-ti > ui-cem-ti > ui--gin-ti*; *leg-n̥s > leg-ens > leg-es* (ac. pl.); *tn̥-tos > ten-tus*; *gw-n̥-io > gu-en-io > u-en-io*.

**30** — As soantes *l̥* e *r̥*, na passagem do indo--europeu para latim, desenvolvem um *o*: *tl̥-no > tol-no > tol-lo*; *ml̥-duis > mol-duis > mol-lis*; *kr̥d- > kord- > cor*; *wr̥t-tos > uort-tos > uorsus*.

Mas, dentro de latim, a soante *r̥* desenvolve um *e*: *agr̥os > agrs > agrr > agr̥ > ager*; *acr̥ > acer*; *-tr̥ > -ter*, como no multiplicativo *ter*, de *tris*; *magistr̥ > magister*, etc.

V

## Gradações vocálicas

**31** — Além das modificações vocálicas ou mudança de timbre, — apofonia —, devida à intensidade inicial (vid. Capítulo III, §§ I, II, III), encontram-se ainda, na evolução do indo-europeu para latim, como para outras línguas que do indo-europeu derivam, certas gradações de timbre vocálico, chamadas graus vocálicos, existentes na raíz, nos sufixos e nas desinências, e

constituem uma espécie de flexão interna do vocábulo.

Chamam alguns também apofonia a esta gradação de timbre, embora o nome lhe seja impróprio; outros chamam-lhe metafonia.

A flexão interna no latim evoluído é estática; quere dizer, existe só nos elementos vocabulares, — raízes, sufixos e desinências —, que primitivamente a adquiriram, sob o aspecto de morfema interno.

**32** — Analisando a flexão interna, observam-se três gradações: *e* — *o* — *zero*.

A palavra ou forma em que entra *e*, chama-se *grau normal*, ou *grau e*; aquela em que entra *o*, chama-se *grau flectido* ou *grau o*; a forma, sem essas vogais, chama-se *grau reduzido* ou *grau zero*.

Esta nomenclatura é arbitrária, pois não há motivo intrínseco para chamar normal ao *grau e*, quando, de-facto, muitas vezes a normalidade parece estar no *grau zero*. Mas acatemos a nomenclatura estabelecida.

*Feido*, depois *fīdo*, grau normal, ou grau *e*; *foidus*, depois *foedus*, grau flectido ou grau *o*; *fĭdes*, grau reduzido ou grau zero.

**33** — A-par-da gradação vocálica, ou mudança de timbre da vogal, pode dar-se na mesma vogal

uma gradação de quantidade: ă breve — ā longo; ĕ breve — ē longo; ŏ breve — ō longo, etc., combinando-se até, em palavras da mesma família, a gradação de timbre com a gradação de quantidade.

**33, *bis*** — Gradação *ĕ* — *ŏ*: domin*e*, domin*o*s (dominus); tĕgo, tŏga; leg-*ĕ*-te, leg-*ŏ*-nt (legĭte, legŭnt).

Gradação *ĕ* — *zero:* gĕn-o, gi-*gn*-o; in-gĕn-ium, mali-*gn*-us; *es*-t, *s*-unt (de *ĕs-unt*); *ĕd*-o, *d*-ens (de *ĕd-ens*); tĕr, *tr*-ia; pul-cĕr, pul-*cr*-i.

Gradação *e* — *o* — *zero:* f*e*ido, f*o*idus, fĭdes.

Gradação *ĕ* (breve) — *ē* (longo): uĕnit (pres.), uēnit (perf.).

Gradação *ĕ* (breve) — *ē* (longo) — *ŏ* (breve) — *zero:* sĕd-eo, sēd-es, sŏlium, s*id*o (de si-*sd*-o).

Gradação *ĕ* (breve) — *ŏ* (breve) — *ō* (longo): honĕs-tus, honŏr, honōr-is; maiĕs-tas, maiŏs (maius), maiōr-is.

Gradação *ŏ* (breve) — *ō* (longo): uŏco, uōces (subst.), supondo que são da mesma família, o que não é certo; ŏd-ium, ōd-i.

Gradação ŏ (breve) — ō (longo) — *zero:* gen-i-tŏr, gen-i-tōr-is, gen-i-*tr*-ix; nepŏs, ne-*pōt*-is, ne-*pt*-is.

Gradação ĕ (breve) — ē (longo) — *zero:* per-fĕctus, per-fēci, per-fĭc-io.

Muitos mais exemplos se poderiam aduzir, combinando timbres e quantidades.

CAPÍTULO V

# Tratamento das consoantes

As consoantes sofrem alterações em si mesmas, como, por exemplo, no rotacismo, e dão origem a várias modificações fonéticas, quando se encontram em contacto umas com as outras, tais como assimilação, dissimilação, assibilação, redução, etc., como veremos no estudo pormenorizado de cada espécie de consoantes.

I

## Nasais

As consoantes nasais são a nasal bi-labial, *m*, e a nasal língüi-dental, *n*.

**34** — A consoante *m*, *inicial* ou *in-terior*, permanece: *maneo*, *per-maneo*; *mors*, *in-mortalis*; *motor*, *pro-motor*; *migrare*, *trans-migrare*.

Nos grupos *-ml-*, *-ms-*, *-mt-*, faz desenvolver um *p* epentético (cfr. Epêntese, 84, 2.º): *ex-e-ml-um*, *ex-emplum; sum-si, sump-si; em-tum, emp-tum.* (Veja-se também *Pronúncia do Latim*, I Parte, III, 3.º A.); *tem-lum, tem-plum.*

*Em composição*, sofre assimilação completa, passando primeiro a *n*, ou incompleta, com a consoante que se lhe segue (cfr. 72, 2.º e 73, 2.º):

*cum-loquor>con-loquor>col-loquor; cum-rapio>con-rapio>cor-ripio* (cfr. 2); *cum-facio>con-ficio; cum-teneo>con-tineo; tam-tus, quam-tus, tan-tus, quan-tus; intrimsecus>intrinsecus: quomdam > quondam; quom-iam > quon-iam; cum-uerto > con-uerto; cum-iungo > con-iungo.*

*M final*, soava brandamente, quási imperceptível (cfr. *Pronúncia do Latim*, III, 3.º B); por isso, sobretudo no verso, antes de vogal, elidia-se.

**35** — 1.º A consoante *n*, *inicial* ou *interior*, permanece: *nouus, in-nouo, de-nuo; nouenos> nonus.*

2.º Antes das labiais *b, p, m*, quere dizer, nos grupos, *nb, np, nm*, sofre assimilação incompleta: *in-buere>im-buere; in-porto>im-porto; gen-ma>gem-ma.*

3.º Antes da lateral, *l*, e da vibrante, *r*, (formando os grupos *-nl-*, *-nr-*) sofre assimilação completa regressiva: *in-lustris* > *il-lustris; coron-la* (de *coron-ŏ-la*) > *corol-la; homun-los* (cfr. *homun-culus*) > *homul-lus; ir-ruo* > *ir-ruo;* (cfr. 34, *m*, *em composição*).

4.º antes de *s* final (grupo *-ns* final), assimila-se, alongando a vogal precedente (cfr. *Alongamento compensatório*, 81): *leg-n̥s* > *leg-ens* > *leg-ess*; *quotiens* > *quoties; quinquiens* > *quinquies*.

5.º antes de *s* interior (grupo-*ns*-interior), assimila-se ao *s*, se a seguir tem as consoantes *d*, *l*, *m*, *n*, ou as semi-vogais *i*, *u*, caíndo depois e produzindo alongamento compensatório, se a vogal precedente fôr breve: *trănsdo* > *trassdo* > *trasdo* > *trādo; in-slico* > *ĭs-slico* > *i-slico* > *ī-lico* (cfr. 4; 77, 1.º e 3.º); *trăns-muto* > *tras-muto* > *trā-muto; trăns-no* > *trā-no; trăns-iacio* > *trā-icio*; *trăns-ueheo* > *trā-ueheo*; o mesmo sucede com *formŏnsus, uicĕnsimus*, que dão *formōsus, uicēsimus*. Mas a analogia restitutiva fêz aparecer, ao lado de *trāduco, trănsduco*; *trā-mitto* e *trăns-mitto*, etc. Note-se que se conserva o grupo *-ns*, em palavras do tipo *amans, legens*, particípios verbais, mas as condições fonéticas são diferentes, pois o grupo *-ns*, nestas palavras deriva de

*-nts*, como se vê pelo genitivo *amant-is*, *legent-is*, cujo radical é *amant-*, *legent-*; o mesmo se observa em *mons*, *pons*, *fons*, etc., de *mont-s*, *pont-s*, *font-s*, que, por sua vez, derivam das antigas formas de nominativo, *mont(i)s*, *pont(i)s*, *font(i)s* (cfr. 16; 48; 57, 3.°; 77, 3.°).

## II

## Lateral e vibrante

**36** — A consoante lateral, *l*, em posição *inicial*, *interior* e *final*, permanece: *lux*, *lumen*, *lucescere*; *lego*, *perlego*, *negligo*; *filius*, *filiaster*; *consul*, *consularis*; *animal*, *animalia*.

nos grupos *-cl-* e *-pl-*, desenvolve-se, por epêntese, um apêndice labial, *u*: *saeclum* > *saeculum*; *periclum* > *periculum*; *poplum*, *populum* (cfr. 84, 1.°).

no grupo *-ln-*, assimila o *n*: *tol-no* > *tol-lo*; *pel-no* > *pel-lo*, visto que estes verbos são formados com o sufixo *-no*, como *pos-no* (*po-no*), *si-no*, *cer-no*.

**37** — A consoante vibrante, *r*, *inicial*, *interior* e *final*, permanece: *rego*, *erigo*; *fero*, *ferebam*, *fertur*; *fulgur*, *fulgura*; *iecur*, *iecoris*.

no grupo *-rl-*, a vibrante assimila-se à lateral: *ster-la*>*stel-la* (cfr. gót. *stairno*, em inglês *star*, em alemão *Stern*), como querem alguns autores, porque outros afirmam que *stella* tem a sua origem no étimo *stelna; ager-los*>*agel-lus* (cfr. 72, 3.º).

## Dissimilação

38 — Entre a lateral e a vibrante, por causa da sua excessiva mobilidade, dá-se, normalmente, uma substituïção ou permuta, para evitar a repetição de sons idênticos dentro da mesma palavra. O fenómeno recebe o nome de *dissimilação*.

1.º — *l — l* passa a *l — r*: *militalis*>*militaris*; *auxilialis*>*auxiliaris*; *calcale*>*calcare (calcar)*; *exemplale*>*exemplare (exemplar)*; *fulclum*>*fulcrum*.

2.º — *r-r* passa a *l-r* ou a *r-l*: *peregrinus*, *pelegrinus*, no latim vulgar, donde se formaram *pèlerin*, em francês, e *pelerinno*, em italiano, e no português popular também a forma *pelegrino*; *fragrare* deu no latim popular *flagrare*, do qual se derivaram palavras cultas, *conflagração*, *deflagração*; *cribrum* deu a palavra *criblum* que se

encontra nas Glossas, como se vê também em castelhano, *criblar*.

3.º — A dissimilação às vezes é tão completa que chega a desaparecer a vibrante: *agres-tris*, *agres-tis* (compare-se com *silues-tris)*; em *terres-tris* não se produziu a dissimilação, por causa dos dois *rr (r* dobrado) do elemento *terres-*.

4.º — Em outros casos, como em *liberalis*, não se verifica o fenómeno da dissimilação da lateral, porque o resultado seria contraproducente, visto que as formas dissimiladas, *riberalis*, *liberaris*, não evitariam a repetição a que se pretende fugir. *Letalis* e *glacialis* não desassimilaram, talvez por paralelismo com *mortalis* e *hiemalis*, que conservam normalmente a terminação *-lis*. Contudo, deve ter existido uma forma dissimilada *glaciaris* talvez popular, donde derivam as palavras românicas, *glaciar*, *glacier* (fr.).

*Ulula* assim como o verbo *ululo*, *-as*, *-are*, de que aquêle é talvez um post-verbal, não dissimilaram na linguagem culta, por serem palavras imitativas, onomatopáicas; mas na língua popular deve ter havido uma forma dissimilada, *urulare*, donde vieram *urlare* (it.) e *hurler* (fr.).

## III

### Guturais

**39** — 1.° As guturais, sonora, *g*, e surda *c*, geralmente permanecem: *gemo, ingemit; capio, recipio, receptus*.

2.° A sonora, antes de consoante surda, passa a surda: *leg-o, lec-tus; ta(n)g-o, tac-tus; reg-o, rec-si(re-xi); leg-s, lec-s(lex);* por estes dois últimos casos se vê que a gutural surda, *c*, em contacto com a fricativa dental surda, *s*, forma a letra dupla *x*, como se verifica também em *duc–s dux; luc-s, lux; duc-si, duxi*, etc.

3.° Antes da fricativa lábii-dental surda, *f*, a gutural surda assimila-se: *ec–fugio, ef-fugio* (cfr. 69).

**40** — O latim não conservou as guturais aspiradas primitivas, *ch, gh*, que, dentro da língua latina, se escreviam com a simples gutural surda, *c*: *Aciles, baccanales pulcer*. Mas, sob a influência da Grécia, deram os latinos em transcrever as palavras helénicas, em que aparecia o χ grego, com *ch*, e, depois meteram o *ch*, indevidamente, nas palavras latinas; por isso, *Aciles* passou a

*Achiles; baccanales* a *bacchanales; pulcer, pulcra* a *pulcher, pulchra;* e até aspiravam *hh*, à toa, onde nunca existiram, com pruridos de cultismo helénico, por exemplo, *chommoda* em vez de *commoda*.

41—As guturais lábii-velares primitivas *-g* $^{w}$- -*q*$^{w}$-, transcritas em latim *-gu-* e *-qu-*, não se sabe ao certo como se pronunciavam.

Dizem uns autores, entre os quais sobressai Curtius, que a lábii-velar era uma gutural com apêndice labial; mas isto é inadmissível, porque, em lugar de um som haveria dois; em vez de uma consoante seriam duas.

Afirmam outros que era um fonema gutural, acompanhado por intervenção labial, talvez como na palavra alemã *die Quelle* (quási Kvele), segundo explica Niedermann: «l'occlusive vélaire sourde labialisée (qu), c'est-à-dire prononcée avec arrondissement des lèvres», pág. 116; mas, a ser assim, teríamos uma gutural labializada, e não uma lábii-velar.

Propõe o ilustre Prof. Dr. Simões Neves que o ar ao bater e ser interceptado no véu do palatino, teria, além dessa, outra intercepção simultânea, por meio da língua abaülada, de modo que formava uma espécie de lábios linguais; assim, haveria realmente um fonema lábii-velar.

Deixemos, porém, as teorias e a evolução das lábii-velares, vindas do indo-europeu para latim, e vejamos o tratamento dentro do próprio latim.

**42** — A lábii-velar surda, *qu*, perdia, antes de *u*, a labialização: *loquutus* > *locutus; sequu-tus* > *secutus* (cfr. *loquor, sequor); quinqu(e)-unx* > *quinc-unx.*

**43** — As lábii-velares, sonora e surda, *gu* e *qu*, antes de consoante, passavam a guturais: *ungu-tos* (cfr. *ungu-o*) > *ung-tos* > *unc-tus*, cfr. 39, 2.º; da mesma maneira se formam *unxi* de *ungu-si*, *extinxi* de *extingu-si*, *extinc-tum* de *extingu-tum; coc-tus* de *coqu-tus* (cfr. *coqu-o*). A palavra latina *nix* provém igualmente da evolução de uma lábii-velar sonora: *snigu-s* > *snig-s, snix, nix.* Compare-se com o inglês *snow*, com o alemão *Schnee*, onde aparece o *s* inicial, e com o verbo latino *ningu-it*, onde se observa a lábii-velar *gu*, cujos vestígios se notam na letra *w* do têrmo inglês; nos casos oblíquos da palavra latina também se conserva a labialização: *ni-u-is, ni-u-em*, etc. As formas *ac* e *nec*, de *atque* e *neque*, tiveram a mesma evolução, antes de consoante, depois de perdido o *e* final; *atqu* e *nequ*, antes de consoante, deram *atc* e *nec* (cfr. 74, 4.º). Por isso, os gramáticos ensinam que a forma *ac* só se emprega antes de consoante.

44 — A lábii-velar sonora *gu*, entre vogais, perde o elemento velar, *g*, e fica reduzida ao elemento labial, *u: flugu-o>fluu-o>flu-o* (cfr. *flugs-i*, *fllug-tus*, *fluxi*, *fluc-tus*, 43); *flugu-ius> fluu-ius; snigu-is>sniu-is>niu-is.*

45 — No comêço do vocábulo dá-se fenómeno idêntico, na evolução do indo-europeu para latim: a lábii-velar sonora ficou reduzida a *u: gu-n̥-io> gu-en-io>u-en-io; gu-ei-ta>gu-i-ta>u-ita.* Podem, talvez aproximar-se dêstes casos as palavras: *gu-ai>uai>uae* (exclamação); *gu-r̥-o> u-or-o* (cfr. 30); *gu-eks-lom>gu-ex-lum>u̯-es--lum>u-el-lum*, *u-ē-lum* e outras.

## IV

## Dentais

46 — As dentais, sonora, *d*, e surda *t*, iniciais, interiores e finais, permanecem na língua clássica: *do*, *trado; teneo*, *retineo; quid*, *quod*, *aliud; tot*, *quot*.

1.° — A surda, no grupo inicial *tl-* cai: *tlatum>latum* (cfr. *tol-lo* de *tl̥-no*, *tul-i*).

2.° — A surda substitue a antiga aspirada *th*, conforme a observação feita para as guturais

aspiradas (cfr. 40): *tensaurus* e *tesaurus*, de *thensaurus; teatrum* de *theatrum*. Mais tarde, por influência grega, o *th* foi restituído.

3.° — A sonora no grupo *-dl-*, assimila-se: *sed-la* > *sel-la; ad-latus* > *al-latus; ad-lego* > *al-lego; ad-leuo* > *al-leuo*.

4.° — A sonora primitiva inicial transformou-se em *l*: *dacruma* > *lacruma* > *lacrima; dingua* > *lingua;* quando interior, oscila às vezes, em vocábulos da mesma família, para *l*, sem saber a causa do fenómeno: *od-or, ol-or; odoratus, oloratus; sed-es, sol-ium*. Na língua arcaica a sonora do provérbio *ad-* passa a *r*, antes de *f* e da semi-vogal *u*: *ad-fuerunt, ad-fuisse, ar-fuerunt, ar-fuisse; ar-uolare, ar-uectos, ar-uorsum;* mas na língua clássica, o *d* foi quási sempre restituído por analogia: *adfuerunt, aduolare, aduersus; ad-fero* a-par-de *af-fero*.

**47** — Em sílaba final, a sonora, *d*, permanece depois de vogal breve: *apud, sed, illud, aliquid;* cai, depois de vogal longa, como se verifica nos ablativos do singular: *rosad, dominod, turrid, manud, died*, que se deram *rosa, domino, turri, manu, die*. Em *haud* não caíu a sonora por a palavra ser talvez uma forma sincopada de uma palavra hipotética (*haudum*? cfr. *hilum* de que

se formou *hil*, em *ni-hil)*; contudo, em Plauto, encontra-se uma ou outra vez *hau*.

48 — A dental surda, *t*, antes de *s* (grupo *ts*), assimila-se, passando o grupo a dois *ss;* a sonora, no grupo *ds*, ensurdecia para *ts*, e depois dava-se a assimilação:

*mit-si>mis-si>misi* (cfr. *mīto*);

*claud-si>claut si>claus si>clausi; plausi, suasi* de *plaudo, suadeo.*

Deu-se nestes casos a simplificação do grupo *ss*, por estar depois de vogal longa ou ditongo.

*ad-sequor>at-sequor>as-sequor ;*

*ad-siduus > at-siduns > as-siduus; assisto, assecla*, etc.

Não se deu aqui a redução do grupo *ss*, por vir depois de vogal breve.

Muitas formas foram restituídas por analogia.

*milet-s>miles-s>miles* (cfr. *milet-is, milit-is ;* vid. 3); *equet-s>eques.*

*ped-s>pet-s>pes-s>pes ; merced-s>merces.*

*ment(i)-s > ment-s > mens* (cfr. *ment-ium).* O mesmo se observa com as palavras *dens, mons, pons*, etc., (cfr. *dent-ium, mont-ium, pont--ium*, etc.).

Os particípios verbais, terminados em *-ans*, *-ens*, como *laudans*, *legens*, derivam de *laudant(i)s*, *legent(i)s*, estando portanto nas mesmas condições fonéticas dos vocábulos atrás citados (cfr. *laudant-ium*, *legent-ium*). Nas palavras como *miles*, *pes*, *mens*, *laudans*, *legens*, o grupo *ss* reduziu-se por ser final (cfr. 57, 3.º).

## Assibilação

**49** — As dentais, sonora e surda, antes de outra dental surda, formando os grupos *dt* e *tt*, desenvolvem, por uma espécie de epêntese, um *s*, transformando-se nos grupos *dst* e *tst*. A seguir o *s* desenvolvido assimila as dentais, dando dois *ss*.

O fenómeno recebe o nome de *assibilação*, em virtude da transformação em sibilante. Assim:

*dt* > *dst* > *tst* > *ss* ;
*tt* > --- > *tst* > *ss*.

O grupo resultante, *ss*, permanece, depois de vogal breve; simplifica-se, depois de vogal longa ou ditongo.

*ingred-tos* > *ingredstos* > *ingretstos* > *ingressus* (cfr. *ingred-ior*);

*claud-tos* > *claudstos* > *clautstos* > *claussos* > *clausus* (cfr. *claud-o*);

*suad-tos*>*suadstos*>*suatstos*>*suassos*>*suassus* (cfr. *suad-eo*);

*mit-tos*>*mitstos*>*missos*>*missus* (cfr. *mìtto).*

*quat-tos* > *quatstos* > *quassos* > *quassus* (cfr. *quat-io*).

Note-se, porém, que, ao lado das formas assibiladas, entraram no latim outras formas em que o fenómeno se não verifica, porque apareceram em época recente, muito posterior à data da assibilação: *ad-tingo* e *at-tingo*, *ad-tendo* e *at-tendo*, *ad-tollo* e *at-tollo*, e outras. Em *ret-tuli* não se dá a assibilação, porque esta forma provém de um prefeito de redôbro, *re-t(e)-tuli*, não se encontrando, portanto, em contacto as duas dentais. Com *at-tuli* ou *ad-tuli*, de *ad-t(e)-tuli*, deveria verificar-se o fenómeno assibilativo; mas a forma resultante, *assuli*, seria tão disconforme com todos os perfeitos compostos de *tuli* que a analogia veio obstar à assibilação: *ad-t(e)-tuli*> *adst(e)tuli*>*adstuli*>*assuli.*

V

## Labiais

**50** — As labiais, sonora, *b*, e surda, *p*, em posição incial e interior, antes de vogal, ou entre vogais, permanecem: *bibo, ebibo; peto, repeto.*

1.º — Em contacto com consoantes surdas, a labial sonora passa a surda, e pode assimilar-se: *ob-curro*, *ob-fero*, *ob-pono*, *op-curro*, *op-fero*, *op--pono;* daí, *oc-curro*, *of-fero; scrib-si*, *scrib-tus*, *scrip-si*, *scrip-tus*. Em contacto com as sonoras, assimila-se directamente: *sub-moueo*, *sub-rapio*, *sum-moueo*, *sur-ripio;* em muitos casos, porém, a analogia restituíu a labial.

2.º — A labial surda, *p*, antes de nasal, assimila-se: *sup-mos*>*sum-mus* (cfr. *sup-er*)*; sop--nos*>*som-nus* (cfr. *sop-or*, *sop-ire;* gr. ὕπ-νος).

3.º — A labial surda representa as antigas labiais aspiradas, *bh* e *ph: ampora* e *amphora; purpureus* por *porphŭreus*.

## VI

### Fricativas

**51** — São duas as consoantes fricativas, chamadas também sibilantes: uma, lábii-dental, *f;* outra, dental, *s;* ambas surdas.

A fricativa lábii-dental, *f*, no início dos vocábulos, tem origem vária e complicada. Pode provir de:

*bh*, em *fero* (cfr. sânscr. *bhar-a-mi;* comp. com o grego *phérô* φέρω);

*dh*, em *fecundus* (cfr. sânscr. *dhatri;* véd. *dhatave;* em grego, *thelê*, θηλή);

$dh^{w}$, em *fores* (cfr. sânscr. *dvarah;* em grego, *thyra* θύρα, alem. *Thür*);

$gh^{w}$, em *ferus*, como se deduz do ático *thêr* θήρ, do eólico *pher* φήρ, do lit. *zveris*, do ant. prussiano *swirins;*

$g^{w}h$, em *formus* (comp. com sânscr. *gharmah* e com ant. pruss. *gorme*, ingl. *worm*, al. *warm*);

*s*, no grupo *sr: srigus, frigus;* em gr. *rigos*, ῥῖγος;

*m*, por dissimilação, em *formica*, de *murmica* (cfr. gr. *mýrmêx* μύρμηξ); o mesmo se dá em *formido*, de *mormido* (cfr. gr. μορμῶ, μορμύσσομαι);

*mr* (ou *br*?), em *fremo;*

*ml* (?), em *flaccus;*

*gh*, antes de *u*, em *fundo* (comp. gr. homérico χύτο).

51, *bis* — A fricativa lábii-dental, em posição inicial ou interior, permanece na língua clássica: *facio, reficio; fallo, fefelli.*

Mas ao passar do indo-europeu para latim o *f* interior, intervocálico, transformou-se em *b* ou *d: alfus > albus; tufer > tuber; sifilare > sibilare; mefius > medius;* de tal sorte que, se não interviessem condições especiais fonéticas, e, sobretudo, a analogia, não existiria nenhum *f* inte-

rior em latim. Foi a analogia com *facio* e com *fallo* que não permitiu a passagem de *reficio* a *rebicio*, de *fefelli* a *febelli* ou *fedelli*. *Afer* não deu *aber* por analogia com *africus*, *Africa*.

Exceptuando os casos de analogia, poucas palavras latinas se encontram com *f* intervocálico; se algumas existem, devem-se a importações dialectais, ou a formações populares, que se aclimataram dentro do latim, sem entrarem, geralmente, na boa linguagem. Assim, *rufus* (dial.) ao lado de *ruber; uafer*, de origem dialectal, sobrepujou o latino *uaber; bufo* (dial.) a-par-de *bubo*, palavra onomatopáica. *Scrofa*, têrmo técnico da língua rústica, de origem dialectal, com os seus derivados *scrofulae*, *scrofinus*, deu até origem a um nome próprio; *afannae*, estrangeirismo, importado do grego com o valor de *apinae*, brincadeiras, ninharias. *Cofia* ou *cufia*, é palavra do baixo latim e, talvez, estrangeirismo. *Mufrius* e *mufro*, têrmos injuriosos, podem considerar-se nas mesmas condições de *f* intervocálico, por causa do valor móvel da vibrante, e conservam o *f*, devido à sua proveniência dialectal; contudo, Plauto emprega *umbro*, com metátese: *mufro* > *mubro* > *umbro* (?).

**52** — 1.º A fricativa dental surda, *s*, em posição *inicial*, permanece: *sumo*, *desumo*; *sunt*, *de-sunt*;

2.º Em posição *final*, passa, às vezes, a *r*: *arbos*, *arbor*; *labos*, *labor*. Esta passagem deve-se ao rotacismo dos casos oblíquos (*arbŏr-is*, *labōr-is*), e, mais ainda, à analogia com os sufixos de agente em *-or*: *lec-tor*, *mot-or*, *fossor*, cujo *r* não provém de *s* rotacizado. Nos monossílabos não intervinha tal analogia, por isso conservaram o *s* do nominativo (*flos*, *mos*), a-pesar-de nos casos oblíquos aparecer o *r* (*flor-is*, *mor-is*).

3.º O *s* final tinha um som tão brando que quási se não pronunciava. (cfr. *Pronúncia do latim*, III, 4.º, cons. *s*).

## Rotacismo

**53** — A fricativa dental surda *s*, em posição intervocálica, sonorizou-se, isto é, passou a vibrante sonora, *r*. Dá-se ao fenómeno o nome de *rotacismo*, da letra grega *rho* (ρ).

O rotacismo interveio em tôdas as categorias e elementos das palavras: nomes próprios e comuns, adjectivos, verbos, desinências.

O nome próprio *Numasioi*, como se lê no texto mais antigo que se conhece da língua latina, deu *Numerio*, como *Papisius* e *Valesius*, deram *Papirius*, *Valerius*.

As palavras de tema em *-s*, passaram a ter no genitivo e nos outros casos oblíquos *r*: *arbŏr-is*, *labōr-is*, *flōr-is*, *corpŏ-ris*, *tempŏ-ris*.

A desinência do genitivo do plural que, primitivamente, era *-som (-sum)*, passou a ser *-rom (-rum)*: *filia-som*, *domino-som*, *filia-rum*, *domino-rum*.

A terminação *-se* do infinitivo dos verbos, que se conserva nos atemáticos, como *es-se*, *fer-se (fer-re)*, *uel-se (uel-le)*, passou nos temáticos a *-re*; sonorizando-se, entre vogais: *lauda-se* > *lauda-re*; *legĕ-se* > *legĕ-re*; *audi-se* > *audi-re*, etc.

*Eram* vem de *esam*, impf. de *sum*; *queror* de *ques-or*, cfr. *ques-tus*; *heri* de *hes-i*, cfr. *hes-ternus*, al. *ges-tern*; etc.

Até ao ano 350, antes da nossa era, todos os substantivos comuns, adjectivos, verbos, tinham recebido a rotacização. Os nomes próprios, como é obvio, porque estão menos sujeitos a mudanças fonéticas e ortográficas, iam resistindo ao rotacismo, na escrita; mas, lá pelo ano 300 a. C., os *Fusii* e *Valesii* deixaram de o ser, para se escreverem e pronunciarem *Furii* e *Valerii*.

A-pesar-do fenómeno do rotacismo ter sido tão geral, algumas palavras se encontram na língua latina, que conservam o *s* entre vogais. Essas palavras podem incluir-se em algum dos

quatro tipos seguintes: 1.º) *miser* e *cesaries*; 2.º) *rosa* e *asinus*; 3.º) *clausus*, *misi*, *causa*, *formosus*; 4.º) *nisi*, *desumo*, *praesentio*.

Nas palavras do tipo 1.º, o rotacismo não se efectuou, porque iria contra outro fenómeno fonético, a dissimilação; por isso, ficou *miser*, e não *mirer*; *cesaries*, e não *ceraries*, para se evitar a repetição de sons iguais no mesmo vocábulo. (cfr. Cap. V, § II, n.º 38).

As palavras do tipo *rosa* e *asinus*, são importadas; a primeira de origem, talvez, mediterrânica; a outra, de origem asiática, introduzidas no latim, depois de 350; portanto, já fora do influxo do rotacismo. Quere dizer, os vocábulos introduzidos na língua, após a data terminal para a execução do fenómeno, não ficaram, como é manifesto, sujeitos à sonorização. Foi o que sucedeu com *desuper*, introduzido por César; com *resemino*, introduzido por Ovídio, além de que estas duas palavras teriam também o inconveniente que apontámos para as do tipo 1.º, pois dariam *deruper* e *reremino*.

As palavras do 3.º tipo, *clausus*, *misi*, *causa*, *formosus*, não estavam nas condições fonéticas exigidas pelo rotacismo, visto que tinham o grupo de dois *ss*, e não um só *s*, entre vogais (cfr. 48 e 58).

As palavras do último tipo, *nisi*, *desumo*, *praesentio* não sofreram modificação por analo-

gia com os elementos de que estão formadas, *si*, *sumo*, *sentio*, dos quais ficariam muito distantes: *niri*, *derumo*, *praerentio*.

Não deixa de ser curiosa a existência simultânea de *nares,-ium*, com rotacismo e *nasus,-i*, sem rotacismo. Niedermann, na sua *Phonétique Historique du Latin*, pág. 162, e Ernout-Meillet, no *Diction. Etymologique*, s. u., atribuem a forma *nasus* à *geminação expressiva* (cfr. 55): quere dizer, a palavra, a-pesar-de ter um só *s*, pronunciava-se, para lhe dar maior expressão, como se tivesse dois, *nassus*, e por isso ficou isenta do rotacismo, segundo o que se disse para as palavras do tipo terceiro. A-par-de *nasus*, encontramos *nasutus*, e, até, o nome próprio *Naso*, que era apelido do poeta Ovídio: *Publius Ouidius Naso*.

## VII

### Geminação

**54** — A geminação das consoantes é um artifício gráfico para representar imperfeitamente um fenómeno fonético. Ao serem pronunciadas certas vogais seguidas de consoante, alongava-se o tempo de duração da vogal, adaptando simultâneamente os órgãos para proferir a consoante.

Como não há processo gráfico para expressar êste fenómeno, recorreu-se à escrita da consoante geminada: *littus*, *bucca*. Deviam pronunciar-se como em italiano as consoantes dobradas. A palavra *loquela* pode auxiliar a compreensão do facto, se, ao pronunciá-la, se demorar a prolação da letra *e*, como na palavra portuguesa *rodela*, alongando bastante a sílaba *de*, emquanto se procura emitir a sílaba seguinte. Assim, *littus*, *bucca*, não se pronunciavam *lit-tus*, *buc-ca*. É talvez, por êsse motivo, que existem formas com consoante geminada e vogal breve, ao lado de formas com consoante simples e vogal longa: *lĭttera*, *lītera; sŭccus*, *sūcus; băcca*, *bāca; mĭtto*, *mīto*, etc.

Os têrmos da linguagem infantil, *atta*, *pappa*, para dizer *pai; acca*, *amma*, *mamma*, para dizer *mãi; puppa*, boneca, dão precisamente a idea e o valor da geminada: esfôrço lento para atingir a consoante, ao pronunciar a vogal.

55 — Ora sucede que alguns vocábulos, a que não corresponde gràficamente a consoante geminada, são pronunciados, por ênfase, para maior expressão, como se existisse uma geminada; não têm geminação gráfica, mas têm *geminação expressiva*. Está neste caso a palavra *nasus*, de que se falou no fim do número 53. Igualmente a palavra *naca* teve geminação expressiva, que chegou, depois, a produzir a geminação gráfica.

*Supus*, com geminada expressiva, passou a *suppus*, à maneira de *lippus*. Outros casos idênticos se poderiam anotar.

O estudo das geminadas, que está ainda por fazer, neste sentido, leva-nos, talvez, à conclusão de que, além das geminadas infantis, comparáveis às geminadas expressivas, as outras provêm de têrmos populares, para designar defeitos grotescos, físicos ou morais.

Convém notar que fazemos distinção entre consoantes dobradas, provenientes de fenómenos fonéticos de assimilação, e consoantes geminadas a que não se ligam tais fenómenos.

## VIII

### Redução das consoantes dobradas

**56** — Falamos aqui de consoantes dobradas e não de geminadas. As consoantes dobradas existem em palavras latinas, porque essas palavras ou foram importadas de outras línguas, já com a consoante dobrada, ou sofreram, dentro do latim, evoluções fonéticas, cujo resultado produziu a duplicação da consoante, diferente da geminação a que se fêz referência nos dois números anteriores.

57 — 1.º A consoante dobrada reduz-se a simples, quando está depois de vogal breve pretónica, e quando a sílaba tónica é longa, por natureza ou por posição:

*canna*, *canalis* (canna, importada do grego);
*saccus*, *sacellus* (saccus, importada e latinizada);
*farr (far)*, *farina* (por *farrina*), importada da civilização do noroeste da Europa;
*ommitto* (de *op-mitto*), *omitto;*
*disrumpo*, *dirrumpo*, *dirumpo.*

A analogia impediu, nalguns casos, a redução. Assim, por analogia com *gallus*, *gallina* não passou a *galina;* por analogia, *serratus* não deu *seratus*, (cfr. *serra*); *innoxius*, por causa de *innŏcuus*, não deu *inoxius; terrenus*, *terrestris*, para se não afastarem de *terra*, não passaram a *terenus*, *terestris*. Êste último devia mesmo evoluir para *telestris*. *Terroris*, e não *teroris*, por analogia com *terror*, *terreo*. *Innŏcuus* não deve reduzir a consoante, porque a sílaba tónica é breve (cfr. *nŏc-eo*, *in-nŏcens*).

2.º Faz-se a redução também quando a consoante dobrada está:

a) *antes de consoante:*

*subrego* > *surrigo* (cfr. 3) > *surrgo* (cfr. 14) > *surgo;*

*adsto* > *atsto* > *assto* (cfr. 49) > *asto;* a forma *ad-sto* foi restituída, como *ad-sisto* a-par-de *assisto;*

*ad-specio* > *asspicio* > *aspicio;* igualmente *asperno* de *adsperno*, *discindo* de *disscindo*, *distringo* de *disstringo*, etc.

Observe-se que *antes de vogal* não se dá a redução; por isso, *terreo*, *tessera*, *attuli*, *tollere*, etc.; observe-se também que a analogia veio impedir bastas vezes o fenómeno de redução, ou restituir a consoante que fôra reduzida.

b) *depois de consoante:*

*arssi* (de *ard-si*, cfr. 48) deu *arsi;*
*senssi* (de *sent-si*, cfr. 48) deu *sensi;*
*conccidi* (de *conc(e)cidi*) deu *concidi.*

A analogia veio interromper o fenómeno em formas do tipo *ex-spolio*, *-as*, *-are* (espoliar), *ex-sculpo*, *-is*, *-ere* (esculpir) e *ex-soluo*, para evitar, neste último uma forma anómala que seria *ex-oluo*, e para obstar a confusões nos dois primeiros, pois, se evoluíssem reduzindo a consoante, dariam *expolio* e *exculpo*, que se confun-

diam com *ex-polio, -is, -ire* (polir cuidadosamente) e com *ex-culpo, -as, -are* (desculpar).

3.º A consoante dobrada, em posição final, simplifica-se:

*farr*>*far* (cfr. *farr-is*); *agr(o)s*>*agrs*>*agerr* >*ager* (cfr. 30); *milets*>*miless*>*miles; ment(i)s* >*ments*>*menss*>*mens; es-s*, 2.ª pes. sing. do pres. de *sum*, deu *es; ped-s*>*pet-s*>*pess*>*pes* (cfr. 48); *fell* (cfr. *fell-is*)>*fel.*

58 — O grupo medial *-ss-* reduz-se, depois de vogal longa ou ditongo; não se reduz, depois de vogal breve (cfr. 48):

*suāssi*>*suāsi; caussa*>*causa; claussi*>*clausi; assĕquor, assĭduus, ingrĕssus* (com vogal breve).

59 — Os grupos mediais *-mm-, -nn-, -ll-, -rr-*, conservam-se, depois de vogal breve:

*sŭp-mus*>*sŭm-mus* (cfr. *sŭp-er*, com vogal breve);

*ăn-nus*>*ănnus*, tem vogal breve, como se deduz por comparação com as formas de variação vocálica, *per-ĕnnis, bi-ĕnnium, tri-ĕnnium.*

*uĕl-se*>*uĕl-le*, e *fĕr-se*>*fĕr-re*, com vogal breve.

**60** — Os grupos interiores, *-mm-*, *-nn-*, *-rr-*, depois de vogal longa ou ditongo, parece que se reduzem:

*rad-mentum* > *ram-mentum* > *ramentum*; (cfr. verbo *rad-o*); *caed-mentum* > *caem-mentum* > *caemetum*, de *caed-o*.

Para o grupo *-nn-*, não há exemplos convincentes; para o grupo *-rr-*, haveria o exemplo *terra*, supondo que a vogal *e* fôsse longa, como pretendem alguns autores; porque outros supõem que a vogal é breve, por comparação com o derivado *ex-torris*, que não poderia ter o *grau o*, se o *e* de *terra* fôsse longo.

**61** — 1.º O grupo *-ll-*, parece conservar-se, depois de vogal, breve ou longa:

*fel* (de *fell*, cfr. 57, 3.º) e *mel* (de *mell*), conservam o *ll* nos casos oblíquos, supondo que nestas palavras se trata de uma consoante dobrada, proveniente de um grupo primitivo *-ln-*, para *mel* (de um hipotético *mel-no*, *mel-lo*?), ou de um grupo primitivo *-ld-*, também hipotético para *fel*. Outros comparativistas supõem que as duas palavras são geminadas populares, de valor expressivo, pois as duas palavras andam sempre associadas, na linguagem popular. Já lá diziam os latinos: *Amor et melle et felle est fecundissimus.*

A palavra *stella* também conserva o grupo *-ll-*, quer seja breve o *e*, como afirmam uns, quer longo, segundo opinam outros.

Note-se que *ūllus* (de *un'lus* por *un(u)-lus*) e o composto *nullus(ne-ullus)*, assim como *corōlla* (de *coron-la*) e *mīlle*, todos com vogal longa, conservam o *ll*.

2.º Depois de ditongo, o grupo *-ll-* simplifica-se:

*aulla*, com a forma popular *olla*, que se conserva nas línguas românicas (cfr. espanhol, *olla*, panela) deu *aula; paullus* (talvez de *pauc'lus*, como pretendem uns, ou, com geminada gráfica, proveniente de uma geminada expressiva, como querem outros) deu *paulus*, como se vê também pelo nome próprio *Paulus*.

## IX

## Assimilação

### *A* — Noção de assimilação

**62** — Duas consoantes diferentes, em contacto num vocábulo, tendem a aproximar os seus processos de articulação, adaptando-se uma à outra para facilitar a emissão dos sons respectivos: é o que se chama *assimilação*, que consiste, como

se vê, numa adaptação orgânica para mais fàcilmente se dar a prolação dos sons.

**63** — Se a primeira consoante exerce influência sôbre a segunda, amoldando-a à sua maneira de prolação, diz-se que a assimilação é *progressiva*, como em *fer-se* > *fer-re*; se é a segunda consoante que influencia a anterior, obrigando-a a adaptar-se ao seu modo de articulação, diz-se que a assimilação é *regressiva*, como em *sup-mos* > *sum-mus*.

São parcos, em latim, os casos de assimilação progressiva; mas abundam as formas em que se dá a assimilação regressiva.

**64** — A assimilação, tanto a progressiva como a regressiva, pode ser *total* ou *parcial*, conforme a adaptação de uma consoante à outra é *completa* ou *incompleta*.

A assimilação incompleta deve-se, sobretudo, à sonoridade das consoantes, ao passo que a assimilação completa se estriba principalmente no modo e no ponto de articulação (cfr. Cap. II, § II).

### *B* — Assimilação incompleta regressiva

**65** — 1.º A consoante *oclusiva sonora*, em contacto com uma oclusiva ou fricativa surda, que se lhe segue, *passa a surda*:

*leg-o, lec-tus; ta(n)g-o, tac-tus: g*, sonora, passou a *c*, surda.

*ad-fero* > *at-fero* (depois, *af-fero*, cfr. 69); *ad-sequor* > *at-sequor* (depois *assequor*, cfr. 70): *d*, sonora, passou a *t*, surda.

2.° Ao contrário, uma consoante *oclusiva* ou *fricativa surda*, em contacto com a oclusiva sonora seguinte, *passa à sonora respectiva:*

*sup-duco* > *sub-duco* (parece que a forma primitiva do prevérbio e preposição latina *sub*, foi *sup;* cfr. gr. ὑπό): a surda, *p*, passou a sonora, *b*.

*is-dem* > *iz-dem* (depois, *ī-dem*, cfr. pron. *ĭs*): a fricativa surda, *s*, passou à sonora hipotética correspondente, *z*.

*nec-lego* > *neg-lego* > *neg-ligo*.

**66** — Uma oclusiva surda passa à sonora correspondente, antes de nasal (porque as nasais são sonoras):

*sec-mentum* > *seg-mentum* (cfr. *sec-o, -as, -are*);
*sop-nos* (de *swep-nos*) > *sob-nus* (depois *som-nus*, (cfr. *sop-or, sop-ire*);
*sup-mus* > *sub-mus* > *sum-mus*. Para êste último caso, veja-se 71.

**67** — 1.° A fricativa surda, *s*, passa à sonora, *z*, hipotética, antes de nasal *(m, n)*, antes da lateral, *l*, e da vibrante, *r:*

*prĭs-mos>priz-mos*, depois *prīmus*; cfr. *pris-cus*, *pris-tinus*.
*dĭs-numero>diz-numero>dī-numero*;
*prĕs-lum>prez-lum>prē-lum*, cfr. *pres-si* do verbo *premo*;
*dĭs-rapio>diz-ripio>dī-ripio.*

2.º Os factos apontados mostram que o *s*, depois de sonorizado, cai, provocando alongamento compensatório na vogal precedente (cfr. 81).

### *C* — Assimilação incompleta progressiva

68 — A fricativa surda, *s*, passa à sonora, *z*, depois da lateral *(l)* e da vibrante *(r)*, sofrendo a seguir assimilação completa:

*kol-som>col-zum>col-lum* (cfr. gót. *hals*; vid. 72); talvez ligado a *cel-sus* cfr. *ex-celsus.*
*uel-se>uel-ze* (depois, *uel-le*, 72, 4.º);
*fer-se>fer-ze* (depois, *fer-re*, 73, 3.º);
*agrs* (de *agr(o)s*), *sacrs* (de *sakr(o)s*), dão *agrz*, *sacrz* (depois, *agerr*, *ager*, *sacerr*, *sacer*); cfr. 30; 73, 3.º; 57, 3.º

### *D* — Assimilação completa regressiva

69 — Nos grupos *-pf-*, *cf-*, *-df-*, *tf-*, compostos de oclusiva-fricativa, a oclusiva assimila-se à fricativa, dando o grupo *-ff-:*

*op-fendo* > *of-fendo*; *op(i)-ficina* > *of-ficina* (cfr. *opi-fex*, *opi-ficina*, em Plauto);

*ec-fugio* > *ef-fugio*; *ec-fero*, *ec-fundo*, *ef-fero*, *ef-fundo*;

*ad-facio* > *at-facio* (cfr. 65, 1.º) > *af-ficio*; *ad-fero* > *at-fero* > *af-fero*.

A analogia restituiu algumas formas e não permitiu a evolução de outras.

**70** — O grupo *-ds-* (dental sonora-fricativa surda), passa a *-ts-* (dental surda-fricativa surda, 65, 1.º), fazendo-se depois a assimilação completa para dar *-ss-*:

*ad-sequor* > *at-sequor* > *as-sequor*; *ad-sedeo* > *at-sedeo* > *as-sideo*; *claud-si* > *claut-si* > *claus-si* (depois clausi, cfr. 58 e 48);

*met-sum* > *mes-sum* (cfr. verbo *met-o*;) *mit-si* > *mis-si* (depois, *misi*) do v. *mīt-o*.

*sent-si* > *sens-si*, depois *sensi*, do verbo *sent-io*.

**71** — Os grupos *-bm-*, *-pm-* (labial-nasal bilabial), assim como *-dm-* (dental-nasal bilabial), deram, por assimilação regressiva, o grupo *-mm-*, que em alguns casos se reduziu a *-m-*:

*sub-moueo* > *sum-moueo* (depois também restituída *sub-moueo*);

*sup-mus* > *sum-mus;*
*ad-moueo* > *am-moueo* (restituída, *ad-moueo*).
O mesmo se dá com *sub-mitto* > *sum-mitto; ob-mitto* > *om-mitto,* depois, *o-mitto,* etc.

72 — Os grupos com lateral:

1.º — *dl* (dental-lateral);
2.º — *nl* (nasal dental-lateral);
3.º — *rl* (vibrante-lateral);
4.º — *ls* (lateral-fricativa surda);
5.º — *ln* (lateral-nasal dental),
dão, por assimilação, o grupo *-ll-;* (cfr. 36).

Observe-se, porém, que os tipos 4.º e 5.º se referem à assimilação progressiva, ao passo que os três primeiros se referem à regressiva.

1.º — *ad-loquor* > *al-loquor; ad-latus* > *al-latus; sed-la* > *sel-la* (cfr. *sed-es, sed-eo*);

2.º — *gemin-lus* > *gemel-lus* (cfr. *geminus, -a, -um; gemino*); *asin-lus* > *asel-lus* (cfr. *asinus;* al. *Esel*); *con-lego* > *col-ligo; con-loquor* > *col-loquor;*

3.º — *ampor-la* (de *ampor(u)-la*) > *ampul-la; ager-los* > *agel-lus;*

4.º — *uel-se (uel-ze)* > *uel-le; col-sum (col-zum)* > *col-lum;*

5.º — *pel-no* > *pel-lo; tol-no* > *tol-lo.*

Nas palavras *ulna* e *uulnus*, que parecem do último tipo, o grupo primitivo não era *-ln-*, mas *l-vogal-n*, como se deduz de ὠλένη e *eline*, ant. alemão, para a primeira palavra; e de *wólenos*, étimo hipotético, para a segunda.

Se a palavra *stel-la* provém de *ster-la*, entra no tipo 3.º; se provém de *stel-na* (cfr. al. *Stern*), entra no tipo 5.º (cfr. 37).

**73** — Os grupos com vibrante:

1.º — *dr* (dental sonora-vibrante);
2.º — *nr* (nasal dental-vibrante);
3.º — *rs* (vibrante-fricativa surda),
dão, por assimilação, o grupo *-rr-;* (cfr. 37).

Note-se que o grupo 3.º diz respeito à assimilação progressiva.

1.º — *ad-rogo* > *ar-rogo, ar-rogantia; ad-rideo* > *ar-rideo; ad-rapio* > *ar-ripio;*

2.º — *in-ridicule* > *ir-ridicule; in-rationalis* > *ir-rationalis; in-ratus* > *ir-ritus; in-rumpo* > *ir-rumpo;*

3.º — *fer-se (fer-ze)* > *fer-re; uer-ses (uer-zes)* > *uer-res* (subs); *sakrs* > *sakerr* > *sacer.*

Os substantivos como *sors, fors, ars,* e as formas verbais, como *arsi,* que parecem do tipo 3.º, não o são de facto, como se observa pelos radicais, *fort-s, sort-s, art-s,* e *ard-si;* por isso, se conservou o grupo *-rs-,* e não passou, segundo o tipo 3.º, a *-rr-.*

**74** — Nos grupos de labial e gutural, ou de dental e gutural, a labial e a dental assimilam-se à gutural, para darem os grupos *-gg-* e *-cc-:*

1.º — *bg* e *pg* (labial-gutural sonora);
2.º — *bc* e *pc* (labial-gutural surda);
3.º — *dg* e *tg* (dental-gutural sonora);
4.º — *dc* e *tc* (dental-gutural surda),
dão, com a gutural sonora, o grupo *-gg-;* com a gutural surda, dão *-cc-:*

1.º — *sup-gestus* > *sub-gestus* > *sug-gestus; sup-gero* > *sub-gero* > *sug-gero;*

2.º — *ob-casus* > *op-casus* > *oc-casus,* como *oc-cidens; ob-caido* > *op-caedo* > *oc-cido; ob-culo* (de *calo)* > *op-culo* > *oc-culo,* como *oc-cultus; sup-clamo* > *suc-clamo; sup-caido* > *suc-cido;*

3.° — *ad-gero* > *ag-gero*, como *ag-ger; ad-gredior* (de *gradior)* > *ag-gredior; ad-grego* > *ag-grego* (cfr. *grex);*

4.° — *ad-clamo (at-clamo)* > *ac-clamo; ad-centus* (por *cantus)* > *ac-centus; praed-co* (de *praed-ĭ-co)* > *praet-co* > *praec-co*, depois *praeco; ad-capio* > *ac-cipio; med-cum, ted-cum, sed-cum; met-cum, tet-cum, set-cum; mec-cum, tec-cum, sec-cum;* depois, *mecum, tecum, secum; atq* > *acc* > *ac.*

Niedermann aponta também a palavra *sic-cus*, como se tivesse evolução idêntica às formas do tipo 4.°: *siti-cus* > *sit-cus* > *sic-cus;* mas o étimo de *siccus*, embora a palavra esteja aparentada com *sitis, siticus*, deve ser diverso, como se depreende do sânscrito *siñcati* e do grego *iskhnos.*

CAPÍTULO VI

# Leis fonéticas

## I

## Leis e excepções

75 — Os fenómenos fonéticos estão sujeitos a normas fixas, como se infere do que se escreveu até aqui, embora pareça que, de quando em quando, os factos vão de encontro a essas normas. A contradição, porém, é mais aparente do que real. Com efeito, as contradições, a que chamam vulgarmente excepções, são, em geral, devidas a circunstâncias fonéticas especiais, umas vezes conhecidas e explicadas, outras vezes, infelizmente, ignoradas, mas não são pròpriamente derogações às normas estabelecidas.

Vamos apontar algumas dessas leis, — as principais, — que nos hão-de servir para estudos ulteriores, em perspectiva.

II

## Queda das oclusivas finais

**76** — 1.° A dental sonora, *d*, cai, depois da vogal longa, como se observa nas formas de ablativo: *rosād, dominōd, turrīd, manūd, diēd, quōd, quād, mēd, tēd, sēd* que deram respectivamente, *rosa, domino, turri, manu, die, quo, qua, me, te, se;* no imperat., *estōd, amatōd, estō, amatō.*

2.° O vocábulo terminado por duas oclusivas perde a última:

*lact* > *lac; hicc, haecc, hocc* (de *hicce, haecce, hocce), hic, haec, hoc; acc* (de *atque, atc*, cfr. 74, 4.°) deu *ac.*

III

## Redução de grupos consonânticos

Os grupos de duas ou três consoantes podem reduzir-se em diferentes momentos fonéticos, chegando mesmo os grupos de três consoantes a simplificar-se para uma só.

**77** — 1.° Nos grupos de *duas* consoantes, formados pela fricativa dental surda e consoante

sonora (*s*- cons. sonora), a fricativa passa a sonora, *z*, (cfr. 67, 1.°) e depois cai, produzindo alongamento compensatório (81) se a vogal precedente fôr breve:

*ĭs-dem > iz-dem > ī-dem; trĕs-decim > trē-de-cim; trăs-duco > trā-duco; iūs-dex, iūz-dex, iū-dex;*

*trăs-no > trā-no; pŏs-no* (de *pŏ-si-no*, cfr. *pŏ-si-tus) > poz no > pō-no;*

*dĭs-mitto, diz-mitto, dī-mitto; prĭs-mus, prī-mus;*

*prĕs-lum* ou *pret-slum, prez-lum, prēlum* (cfr. *prĕs-si* de *prĕmo).*

2.° Nos grupos de *três* consoantes formados por: líquida *(l, r)* -palatal- *t, d, s, m* ou *n*, dando os grupos *(l, r) -palatal- (t, d, s, m, n)*, a palatal cai:

*ful-c-tus, ful-c-si, ful-g-men* deram *ful-tus, ful-si, ful-men* (compare-se com *ful-g-eo, ful-gur, fulgidus);*

*far-c-tus, far-c-si*, do verbo *far-c-io*, deram *far-tus, far-si;*

*torc-mentum* (de *torqu-mentum*, cfr. *torqu-eo), tor-mentum;* cfr. 41.

*quinc-decim* (de *quinqu-decim, quinqu(e)-decim) quindecim;* 41.

*quinc-tus*, de *quinqu-tus*, deu *quin-tus*;
*querc-nos*, cfr. *querc-us*, deu *quer-nus*.

A palavra *farnus*, aparentada sem dúvida com *fraxinus*, foi, talvez formada pelo mesmo processo, além de ter sofrido a metátese do grupo *fra-* para *far-*: *frac-nos*, *farc-nos*, depois *far-nus*, como *quer-nos*.

Vocábulos do tipo *arx*, *calx* (*arcs*, *calcs*), que, segundo a doutrina, deveriam evoluir para *ars*, *cals*, foram impedidas na evolução por analogia com os casos oblíquos, *arc-is*, *calc-is*.

3.° Nos grupos de *três* consoantes, formados pelo grupo *ns* e consoante sonora, o *n* assimila-se ao *s*, (cfr. 35, 5.°) e, assim, fica nas condições de 77, 1.°:

*trăns-do* > *trass-do* > *tras-do* > *trā-do*;
*trăns-mitto* > *trass-mitto* > *tras-mitto* > *trā-mitto*;
*trăns-no* > *trass-no* > *tras-no* > *trā-no*;
*trăns-iacio* > *trass-iacio* > *tras-iacio* > *trā-icio* (de *trā-iicio*);
*trăns-ueho* > *trass-ueho* > *tras-ueho* > *trā-ueho*.

O verbo *monstro* e o substantivo *monstrum* não estão nas condições fonéticas, exigidas por esta lei, porque o *t* é consoante surda; devia, porém, chegar a *mostro*, como em português.

Foi o que sucedeu a *monstrum*, cujo diminutivo *mostel-lum*, serviu para título de uma comédia de Plauto, a *Mostellaria (fabula)*.

4.º Nos grupos de *três* consoantes formados por *labial-s-cons. (qualquer)*, a labial cai:

*sups-tuli > sus-tuli; (ab-sperno) > ap-sperno > asperno;* da mesma maneira, *suspicio, asporto, ostendo, suspendo*, etc.

5.º Nos grupos de *três* consoantes, formados por *palatal-s-cons*, a palatal cai:

*sex-centi (secs-centi) > ses-centi*, e compostos *sescentesimus, ses-centies, ses-ceni.*

A palavra *sextus* escrevia-se com *x*, mas pronunciava-se *sestus*, assim como *sextilis* (*sestilis mensis*, nome antigo do mês de Agôsto).

6.º Se nos grupos anteriores, 4.º e 5.º, a consoante final era sonora, o *s* também caía com a labial ou com a palatal, reduzindo-se o grupo de três consoantes a uma única:

*aps-mitto > as-mitto > a-mitto ;*
*ĕx-bibo (ĕcs-bibo) > ē-bibo;* o mesmo se dá com *ē-dico, ē-gredior, ē-ligo, ē-mitto, ē-nato, ē-rigo, ē-icio (ēiicio), ē-uado ;*
*sĕx-decim (secs-decim) > ses-decim > sē-decim.*

# IV

## Variação da quantidade das vogais

### *A* — Abreviação de vogais

**78** — 1.º A vogal longa antes de vogal torna-se breve, segundo diz a prosódia: *uocalis ante uocalem corripitur:*

*habē-o*, com *ē* longo, cfr. *habē-re*, passa a *habĕo* com *ĕ* breve;

*audī-o*, com *ī* longo, cfr. *audī-re*, passa a *audĭ-o* com *ĭ* breve;

*orī-or*, com *ī* longo, cfr. *orī-ri*, passa a *orĭ-or* com *ĭ* breve;

*dominō-i* (gen. sing., com *ō* longo), dá *dominŏ-i*, com *ŏ* breve, e daí *domini*, assim como no nominativo do plural;

*rē-i*, com *ē* longo, dá *rĕ-i* com *ĕ* breve, assim como *fidĕi;*

*scĭo*, *scĭunt*, *scĭebam*, abreviam o *ĭ* que era longo (cfr. *scī-re*);

*fĭeri*, *fĭerem*, com *ĭ* breve.

Contudo, *diēi*, *glaciēi*, e, talvez, *speciēi*, conservam o *ē* longo antes de vogal, porque êsse *e* está também depois de vogal. O adjectivo *dīus*, *-a*, *-um* conserva o *ī* longo, por analogia com

*dīuus, -a, -um*, proveniente de *deiuos*, e imita o adjectivo grego δῖος, com iota longo. Os genitivos pronominais do tipo *illius, istius, alius, solius, unius*, têm ī longo na prosa clássica; mas, em verso, a escansão do *i* pode ser breve, como parece que foi também na prosa anterior à clássica.

Maior ignorância existe quanto às formas do verbo *fio*, que têm *i* breve quando nelas se encontra a letra *r (fĭeri, fĭerem)*, e ī longo quando não entra *r (fīo, fīebam, fīam, fīunt)*, sem até agora se ter explicado o caso, que se opõe às formas dos outros verbos, em circunstâncias fonéticas semelhantes.

2.º A vogal longa em sílaba final fechada por *l, r, m, t*, abrevia-se:

*animāl*, de *animāle*, deu *animăl* com *ă* breve; *tribunāl*, de *tribunāle*, deu *tribunăl;* com *ă* breve; *oratōr*, cfr. *oratō-ris*, deu *oratŏr*, com *ŏ* final breve; *calcār*, de *calcāre*, deu *calcăr*, com *ă* final breve; *laudĕr*, com *ĕ* breve, mas compare-se com *laudē-ris;*

*rĕm* com *ĕ* breve (cfr. *rēs* com *ē* longo); *rosăm, dominŭm, turrĭm, manŭm*, com as respectivas vogais breves, antes de *m*, a-pesar-de provirem de vogais longas; *laudĕm*, pres. do conjuntivo de *laudo*, tem *ĕ* breve, mas, cfr. *laudēmus; lau-*

*dabăm*, com *ă* final breve, mas compare-se com *laudabāmus*; *laudauerăm*, com *ă* final breve, mas cfr. *laudauerāmus*;

*laudăt*, *monĕt*, *audīt*, com as vogais breves antes de *t*, mas compare-se com *laudātis*, *monētis*, *audītis*, em que as mesmas vogais são longas.

Os monossílabos, porém, conservam a vogal longa:

*nīl* (contracção de *nihil)*, *sāl sōl*, com vogais longas antes de *l*; *cūr*, *fūr*, *pār*, com os seus compostos, como *impār*, *dispār*, e *uēr*, conservam a vogal longa antes de *r*.

As formas verbais contractas do tipo *perīt*, *audīt* (de *periit*, *audiit*, no perfeito), conservam *ī* longo por contracção, antes de *t* (cfr. 85, 1.º).

As formas do tipo *currūm*, *fructūm* (de *curru-um*, *fructu-um)* conservam, por causa da contracção, *ū* longo, antes de *m* (cfr. 85, 1.º).

## *B* — Abreviação

## segundo a Lei das palavras jâmbicas

**79** — As palavras que formam um pé jâmbico ⏑ –, (breve-longa), abreviam a segunda vogal:

*ĕgō*, talvez com *ō* longo, (cfr. grego ἐγώ), passa a *egŏ*, com *o* breve;

*bĕnē*, *mălē* com a final longa (cfr. *dignē*, com *ē* longo), passam a *bĕnĕ*, *mălĕ* com *ĕ* final breve;

*uĭdē* (imper. sing. de *uĭdēre*), por ser tipo jâmbico, passa a *uĭdĕ*, com *ĕ* breve final, sucedendo o mesmo às formas de tipo igual, como *mŏnĕ*, *hăbĕ*, etc., na língua arcáica.

A esta abreviação dá-se o nome de Lei das palavras jâmbicas, que em latim, recebeu o nome de Lei das *breues breuiantes*, — lei das breves que abreviam outras vogais. É, afinal, uma aplicação particular, segundo parece, da intensidade inicial das palavras latinas.

Recorrem, em geral, os gramáticos a esta lei para explicar a abreviação da vogal longa, no nominativo do singular das palavras de tema em *-a*, como *rŏsā*, *tŏgā*, com *ā* longo, que no nom. sing. passaram a *rosă*, *togă*, com *ă* breve; acrescentam os gramáticos que a norma se generalizou, depois, abreviando a final em tôdas as palavras de tema em *-a*, mesmo que não fôssem de tipo jâmbico, como em *hōra*, *lūna*, *brūma*, *āla*, etc., nas quais a primeira vogal não é breve; assim como em *regīna*, *femina*, *insŭla*, etc., com *a* final longo que passou a breve.

Por influência desta lei, encontram-se na poesia dramática, — e só nela, — casos em que uma sílaba longa, por natureza ou por posição, se abrevia:

*ăpŭd nos; uŏlŭptatem; quĭd ĕst; quĭd aŭtem; ĭt(a), ŏmnes*, etc.

A lei das palavras jâmbicas não se aplicava na época clássica; mas o que é certo é que vários poetas, de boa escola e de nomeada, consideravam muitas vezes como breve o *o* final longo de formas como *lego, amo, homo*. É por isso que Ovídio e os poetas do período post-augustino abreviam, cada vez mais, o *o* longo final de palavras como *ambo, octo, ergo, immo, legendo, quando*, deixando-o ficar longo quási só nos monossílabos, *dō, nō, stō*, etc.

### C — Abreviação segundo a Lei de Osthoff

**80** — Osthoff, comparativista alemão, que se pode considerar, ao lado de Brugmann, um dos fundadores da nova escola lingüística, cujos trabalhos fundamentais apareceram entre 1875 e 1880, formulou uma lei que ficou conhecida com o nome do autor.

Na sua expressão mais ampla, a lei de Osthoff diz assim: «*A vogal longa primitiva, seguida de semi-vogal, nasal ou líquida, e de s, passa a breve*». Quere dizer, nos grupos:

*vogal longa*- { *semi-vogal* / *nasal (m, n)* / *líquida (l, r)* } -*s*

a vogal longa abrevia-se.

Esta lei, de uso abundante em grego, tem aplicação menos freqüente em latim. Contudo, aparece, pelo menos, um caso certo em que ela se verifica, dentro do latim.

No dat.-abl. do plural das palavras de tema em -ō (longo), a terminação -*ōys* (com ō longo), passou a -*ŏis* (com ŏ breve) e depois deu -*is:*

*domin-ōys* (com ō longo), *domin-ŏis* (com ŏ breve), *domin-is*.

Se em -*ōis* o ō ficasse longo, o resultado fonético seria *domin-ōs*, e nunca daria *domin-is*.

O acusativo do plural grego em palavras do tipo *tima-ns* (com ā longo) teve evolução idêntica: τιμᾱν-ς > τιμᾰν-ς > τιμᾱς.

*timā-ns* (com ā longo) deu *timă-ns* (com ă breve), depois *timās* (com ā longo, por alongamento compensatório; cfr. 81). Se assim não fôsse a evolução, o acusativo do plural em palavras dêste tipo seria *timês*, τιμῆς e não *timās*, τιμᾶς.

Ora, é possível que os acusativos latinos, no plural, tenham evolução semelhante, se não hou-

verem de explicar-se directamente com a doutrina exposta em 35, 4.º

Assim, *rosā-ns* (ac. pl. com *ā* longo) daria *rosă-ns* (com *ă* breve), depois *rosās* (com alongamento compensatório). Explicação idêntica se faria para os outros acusativos: *domino-ns*, *turri-ns*, *manu-ns*, *die-ns*. Esta formação possível não deve, talvez, admitir-se, em face da formação directa, por assimilação do *n* ao *s*, conforme o número 35, 4.º: *rosa-ns*>*rosa-ss*>*rosa-s*.

A formação, porém, do acusativo do plural grego auxilia, sem dúvida, a aplicação da Lei de Osthoff ao acusativo do plural latino.

## *D* — Alongamento de vogais

**81** — *Alongamento compensatório.*

A perda de uma consoante produz, às vezes, o alongamento da vogal breve precedente. Aulo Gélio, nas *Noites Áticas*, 17, 8, já dizia: *Detrimentum litteræ productione syllabæ compensatur.* O alongamento da sílaba a que se refere Aulo Gélio deriva, neste caso, do alongamento da vogal precedente: era um alongamento de compensação ou compensatório.

*pĕd-s* (com *ĕ* breve)>*pēs* (com *ē* longo);

*prĭs-mus*>*prī-mus; ĭs-dem*>*ī-dem; dĭs-numero*>*dī-numero; dĭs-duco*>*dī-duco; ĕx-fero*>*ē-fero; trāns-duco*>*trā-duco; ĭn-slico*>*ī-lico; pōs-no*>*pō-no; sĕx-decim*>*sē-decim*, etc. As primeiras formas têm vogal breve, as segundas, vogal longa por compensação.

82 — *Outros alongamentos.*

1.º — Além do alongamento da vogal, por compensação, havia o alongamento vocálico, antes dos grupos *-gm-*, *-gn-*, *-nf-*, *-ns-*:

*āg-men* (com *ā* longo), cfr. *ăg-o* (com *ă* breve); *pīg-mentum* (com *ī* longo), cfr. *pĭc-tum* (com *ĭ* breve);

*dīg-nus* (com *ī* longo), cfr. *dĕc-nos*, de *dĕc-et* com *ĕ* breve; (mas *lig-num* parece conservar o *ĭ* breve, (cfr. *lĕg-o*), assim como *tig-num* (de *tĕg-o*?);

*īn-fero* (com *ī* longo, antes de *nf*), compare-se com *ĭn-lustris* (*ĭl-lustris*, com *ĭ* breve, e *ĭnter* também com *ĭ* breve); *ānfractus* com *ā* longo, de *āmfractus* (comp. com *ămbi-*, *ămb-*, provérbios com *ă* breve, correspondentes a *anfr-*);

*īn-sero* (com *ī* longo), *cōnsul* (com *ō* longo), *ēnsis* (com *ē* longo), assim como *forēnsis*. *Consul* e *forensia* deram até nas inscrições *cōsul* e *forēsia* com *ē* longo, o que se poderia explicar por alongamento compensatório.

Os adjectivos *clemēns*, *prudēns*, e os particípios do tipo *amāns*, *monēns*, *legēns*, *capiēns*, *audiēns*, têm também longa a vogal da terminação antes do grupo *ns;* mas o facto pode, talvez, explicar-se por alongamento compensatório, em virtude da perda de um *t* que existia nos radicais: *clement-s*, *amant-s*, *prudent-s*, e assim por diante.

2.º — Alonga-se também a vogal no particípio passado dos verbos cujo radical termina em consoante sonora que se tornou surda, em contacto com a consoante surda seguinte. Os exemplos aclaram o facto.

*frăng-o* (com *ă* breve e com consoante sonora *g*) deu no particípio passado *frāc-tus*, com *ā* longo, porque a sonora passou a surda, *c;*

*ăg-o*, com *ă* breve, deu *āc-tus*, com *ā* longo, pelo mesmo motivo.

O mesmo sucede com *tang-o*, *tāc-tus; rĕg-o*, *rēc-tus; tĕg-o*, *tēc-tus*. Em *căd-o*, *cāsus*, e *ĕd-o*, *ēsus*, vê Niedermann fenómeno idêntico, para o qual dá a seguinte explicação: *căd-o*, *căd-tos*, e depois, por assibilação, *cāssus*, *cāsus; ĕd-o*, *ĕd-tos*, e, por fim, *ē-sus*. Mas, como se vê, a evolução é diversa, e, por isso, a longa de *cāsus* e de *ēsus*, tem que atribuir-se a um alongamento compensatório.

*Āctus*, *frāctus*, *tāctus* têm vogal *ā*, longa; ao contrário de *făctus*, *căptus* que a têm breve. Por

isso, aquêles a conservam nos compostos *(red-ăctus, per-frăctus, con-tăctus)*, ao passo que os outros a mudam em *e* (*re-fectus, re-ceptus*, cfr. 10).

**83** — O alongamento vocálico de que acabamos de falar, assim como o alongamento compensatório, não têm relação nenhuma com o chamado alongamento *por posição.*

Com efeito, o alongamento por posição, relativo à prosódia e à métrica, refere-se à *sílaba* seguida de duas ou mais consoantes, e não à *vogal.* A vogal pode ser breve, embora a sílaba seja longa.

Por exemplo, em *făc-io* e em *făc-tus*, a vogal *ă* é breve, por isso nos compostos deu *af-ficio* (cfr. 2) e *af-fectus* (cfr. 10); mas a sílaba *fac-*, em *fac-tus*, é longa, ao passo que a sílaba *fa-*, em *faci-o*, é breve. A razão é esta: Num caso e no outro, a vogal *a* vale um tempo de breve; mas a sílaba *fa-* de *facio* vale *um tempo e meio:* um, da breve; meio, da consoante seguinte. Ao passo que a sílaba *fac-* de *factus*, vale dois tempos: um, da breve; e outro, das consoantes. Por êsse motivo, a sílaba é longa, a-pesar-de a vogal, nos dois casos, ter sempre o mesmo tempo de breve.

Não deve, pois, confundir-se a quantidade da vogal com a duração da sílaba, visto que uma vogal breve pode entrar em sílaba longa.

V

## Epêntese

84 — Epêntese é a inserção espontânea de uma letra parasita entre os elementos de um grupo, sem ter valor de morfema. O elemento parasita intercalado, por epêntese, não é como um infixo ou um sufixo interior, pois estes têm valor ideológico, — são morfemas.

1.º — *Epêntese vocálica.*

Uma gutural ou uma labial, seguida da lateral, *l* (grupos *-cl-*, *-pl-*, *-bl-*) desenvolvem um apêndice labial, *u:*
*saeclum* > *saec-u-lum; peri-clum* > *peric-u-lum; poplus* > *pop-u-lus* (cfr. *poploe*, apud Festum, que deu *po-puli*);

O sufixo *-blo*, dá *-bulo: sta-blo, sta-bulum;* o sufixo *-clo* dá *-culo; obsta-clo, obsta-culum.* Evite-se, porém, a confusão entre o sufixo simples *-clo*, com o sufixo duplo *-cu-lo*, que se encontra, por exemplo, em *os-cu-lo, os-cu-lum; cor-cu-lo, cor-cu-lum;* ao passo que o primeiro encontra-se intacto por exemplo em *ful-clo, ful-clum* (depois, *fúl-crum*, por dissimilação, cfr. 38, 1.º).

2.º — *Epêntese consonântica.*

Nos grupos *-ml-*, *-ms-*, *-mt-*, desenvolve-se um *p* epentético:

*exemlum* > *exem-p-lum* (cfr. *ex-emo*, *ex-imo*); *tem-lum*, *templum*;

*com-si* > *com-p-si*; *dem-si* > *dem-p-si*; *prom-si* > *prom-p-si*;

*com-tum* > *com-p-tum*; *em-tum* > *em-p-tum*; *prom-tus* > *pro-p-tus*. A êste propósito veja-se o que ficou escrito na *Pronúncia do Latim*, III, 3.º.

## VI

## Contracção

85 — A contracção é o esmagamento de duas vogais, em hiato, para dar uma só vogal; também se chama crase, do grego κρᾶσις.

As leis da contracção em latim não são fáceis de determinar, ao contrário do que sucede no grego; porque, na língua latina, quási se não encontram as formas em hiato a-par-das formas contractas, como acontece em grego, onde aparecem umas e outras, bastas vezes.

1.º — Vogais de igual timbre dão vogal longa do mesmo timbre:

*ă-ă*, dão *ā*: *lă(u) ăbrum > labrum*: *lă(u)-ătrina > latrina;*

*ĕ-ĕ*, dão *ē*: *nĕ-hĕmo, nēmo; dĕ-ĕmo, dēmo; prĕ-hĕndo > prēndo; monĕ-ĕ-te? > monēte; re(y)es > rees > rēs; tre(y)es > trees > trēs; turre(y)es > turrees > turrēs* (nom. pl.);

*ĭ-ĭ*, dão *ī*: *mĭhĭ > mī; nĭhĭl > nīl; filĭĭ, filī; dĭĭ, dĭĭs, dī, dīs; Valerĭĭ, Valerī; perĭĭt, perīt;*

*ŏ-ŏ*, dão *ō*: *cŏ-ŏpem > cōpem; co-opi > cōpi* (cfr. *in-ŏpem, in-ŏpi*); *cŏ-ŏpia > cōpia* (cfr. *in-ŏpia*); *prŏ-ŏles > prōles* (cfr. *ind-ŏles*, de *ălo*), *prōletarius;*

*ŭ-ŭ*, dão *ū*: *passŭ-ŭm > passūm*, em Plauto; *currŭ-ŭm, currūm*, em Vergílio; *fructŭ-ŭm, fructūm*, em Varrão.

2.º — Vogais de timbre diferente, em hiato, quando se contraem, dão, ao que parece, vogal longa com o timbre da primeira:

*ama-e-te? > amā-te; de-ago > dēgo; de-habeo > dēbeo; co-ago > cōgo; co-agito > cōgito; pro-emo > prōmo.*

Muitos são, porém, os casos que vão de encontro a esta norma, e muitos mais aquêles em que a contracção se não verifica.

# APÊNDICE

## Divisão silábica

As palavras, quando estão formadas por dois ou mais fonemas articulados, dividem-se em tantos elementos, chamados *sílabas*, quantas as vogais ou ditongos existentes no vocábulo.

1.º — Cada sílaba termina na vogal ou ditongo, quando se lhe segue outra vogal ou uma só consoante simples ou composta:

*fi-o, de-a, su-mo, ro-go; clau-do, cae-cus, poe-na; di-xi, te-xi;*

*re-gi-na, au-gu-ra-ri, co-e-gi, ma-chi-na-ri.*

Neste caso, a divisão silábica faz-se a partir da vogal ou ditongo.

2.º — Se à vogal (ou ditongo) se segue uma consoante repetida, ou um *grupo de duas* consoantes, a divisão faz-se no meio das consoantes, de maneira que fique uma em cada sílaba:

*fer-re, bel-lum, buc-ca, sum-mus, gen-na, lip-pus.*
*reg-num, pul-so, op-to, hor-tor, scrip-si, aes-*
*-tus, men-sis;*
*am-ba-ges; scrip-sis-ti; con-sen-ti-o; a-lum-nus;*

3.º — Se, porém, o *grupo de duas* consoantes que se segue à vogal ou ditongo, é formado por oclusiva + *r*, ou por oclusiva + *l*, não se divide ao meio e passa, por inteiro, para a sílaba imediata, terminando a anterior na vogal ou ditongo:

*li-bra, su-pra, a-cre, a-gro, qua-drans, te-tra;*
*du-plex, sae-clum; qua-dru-plum; re-tro-gre-*
*-di-or.*

4.º — Se um *grupo de três* consoantes vem após a vogal ou ditongo, as duas primeiras consoantes juntam-se com a vogal ou ditongo; a terceira vai para a sílaba seguinte:

*sanc-tus, unc-tus, ins-tar, ins-tau-ro.*

5.º — Mas se o *grupo de três* consoantes termina por oclusiva + *r*, ou oclusiva + *l*, estas não se separam e vão em conjunto para a sílaba seguinte:

*mem-brum, cul-trum, cas-tra, in-fra, lin-tris, am-plus.*

6.° — Nos raros grupos de quatro consoantes, vão duas com a sílaba anterior e duas com a seguinte:

*mons-trum, de-mons-tro.*

7.° — Nas palavras compostas, a divisão faz-se geralmente pelos elementos formativos, pondo de parte as normas apontadas nos números anteriores:

*ad-eo* (não *a-deo*, 1.°); *haru-spex* (não *harus--pex*, 2.°); *ob-ligo, ab-ripio* (não *o-bligo, a-bripio*, 3.°); *con-spicuus* (não *cons-picuus); ad-sto* (não *ads-to*, 4.°); *ad-scribo, con-scribo, ad-stringo* (não *ads-cribo, cons-cribo, ads-tringo*, 6.°).

**Fim do Primeiro Tômo**

# ÍNDICE

# ÍNDICE

SEGUNDA PARTE

**Elementos de Fonética histórica**